

ANA ARRUDA CALLADO

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 24/07/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Meu nome atual é Ana Arruda Callado mas eu nasci Ana Araújo de Arruda Albuquerque, em Recife, Pernambuco, no dia 19 de maio do longínquo ano de 1937.

Quais eram os nomes e atividades dos seus pais?

Meu pai, José Arruda de Albuquerque, era um engenheiro mas um engenheiro diferente, foi engenheiro de estrada, porque se dedicou depois, já na maturidade dele, ao cooperativismo. Foi um lutador pelo cooperativismo, fundou as cooperativas de eletrificação rural pelo rio São Francisco. Antes de casar era jogador de futebol, e um excelente jogador de futebol. Mas, enfim, profissão: engenheiro.

Minha mãe era aquilo que uma mulher podia ser no tempo dela. Era uma mulher do século atrasado, nasceu no final do século XIX. Ela era professora primária. Estudou. Era pernambucana, de pai até da roça, um médico do interior, de Timbaúba. Meu avô materno, um homem extraordinário porque mandou a filha estudar no Rio de Janeiro: piano e pintura. Ela estudou com Antônio Parreiras pintura e com Magdalena Tagliaferro, piano. Largou pintura e piano para casar com meu pai e ter 15 filhos.

Houve algum envolvimento anterior da sua família com jornalismo?

Não, ninguém da minha família era jornalista. E essa pergunta me faz muito e eu nunca soube responder, nem para mim. Não sei de onde veio a idéia que eu tinha, desde adolescente, de ser jornalista.

Porque não era uma profissão valorizada?

Não. Meu pai, inclusive, ficou horrorizado, porque meu pai tinha muito orgulho. Tenho muitas irmãs mais velhas, sou a décima-segunda dessa tribo de 15. E meu pai tinha muito orgulho, por exemplo, minha filha é “arquiteta”, como ele dizia, filha engenheira, filha química, filho engenheiro, filho aviador e quando eu disse a ele que ia estudar jornalismo ele disse: “minha filhinha, não faça isso, jornalista é quem não dá para mais nada”. Então, essa era a impressão que minha família tinha.

E ainda mais sendo mulher, não é, Ana?

Sim, mas ele não se incomodava se eu fosse ser engenheira. Ele ia achar uma maravilha. Se eu fosse ser bióloga, ele ia achar uma maravilha. Ele não tinha preconceito, meu pai era um homem muito avançado, mas jornalista ele achava uma tristeza. Ele achou, na ocasião.

Qual foi o seu primeiro contato com o jornalismo?

Como eu disse, desde adolescente eu queria ser jornalista, então, eu inventei um jornalzinho em casa. Eu fiz um jornalzinho que era escrito a mão. Eu, meu irmão Zé, minha irmã Maria da Graça fazíamos. Chamava Repórter 1907. Nós morávamos no apartamento 1907 de um prédio grande na Senador Vergueiro, 19º andar. Eram fofocas da família. Meu irmão fazia historinhas em quadrinhos. Eu escrevia uma porção de bobagens, era um jornal com um único exemplar que circulava dentro de casa só. Depois, quando eu estava no colégio, eu entrei para a Ação Católica. E aí, um dia, numa das reuniões da Ação Católica, entra uma pessoa, que eu não conhecia ainda, e diz assim: “olha, eu queria conversar com você porque nós fazemos um jornal aqui na JEC (Juventude Estudantil Católica), nós estamos precisando de colaborador nesse jornal, quem quer?” “Eu!” Era simplesmente o Cícero Sandroni que dirigia um jornalzinho pretencioso que chamava *Roteiro da Juventude*, mas que foi uma maravilha. Eu comecei a trabalhar com eles, ele e a Laura Sandroni, hoje Sandroni, que era Laura Austregésilo de Athayde, que era então namoradinha dele. Eles fizeram 50 anos de casados agora.

Ana, que época é essa?

Isso foi final de colégio, portanto anos 50: 1952, 1953.

Você já estava aqui no Rio?

Sim, eu fiz 8 anos já no Rio de Janeiro. Minha família toda mudou quando eu tinha 7 anos, quase 8.

Você está falando de uma época, início dos anos 1950, em que a gente vai viver muita turbulência política, e ela está expressa nos jornais. Você tem lembrança disso, dessa ambiência política?

Engraçado, eu não era uma leitora de jornais, eu era um leitora furiosa de livros, meu pai tinha uma excelente biblioteca, eu lia sem parar, mas não me lembro de ser leitora de jornais. Me lembro dos acontecimentos, por exemplo, perfeitamente, do dia do suicídio de Getúlio (Vargas). Eu estava no Colégio de Aplicação e tinha uma professora que era uma udenista alucinada, a professora Leonora, então, ela disse: "Não vai ter aula hoje porque hoje é um grande dia para o Brasil, Getúlio renunciou". Ela levou a turma toda para a porta do Catete, só que, quando nós chegamos lá, o Catete já estava tomado de tropas, e a turma começou a dispersar porque eles nos mandavam embora. Aí, eu me lembrei que meu irmão morava na rua Silveira Martins. Então, minha amiga Maria Amélia e eu resolvemos ir para a casa do meu irmão e os caras nos empurrando, aqueles caras de metralhadora: "vão embora malucas, tem que sair daqui!" Quando chegamos na casa do meu irmão, o rádio estava dando a notícia de que Getúlio se suicidou. Aí, tem uma memória de jornal, mas repare como é indireta, bem indireta. Depois de algum tempo ouvindo o noticiário e vendo que estava mais calmo ali no Catete, eu voltei para casa, que era na Senador Vergueiro. Peguei uma condução na Praia do Flamengo e fui para casa. O trânsito ficou logo tumultuado, a cidade ficou toda tumultuada. Eu acho que não tomamos condução, nós fomos a pé. Quando eu entrei na rua Marquês de Abrantes, porque o prédio ia da Senador Vergueiro para a Marquês de Abrantes - aquele prédio dos bancários, que é bem grande - nós vimos grupos, maltas, não tem outra palavra, a população com paus na mão e com latas, que eu só entendi depois, eram latas de gasolina. Eles iam passando nas bancas de jornais todas, eu vi duas serem queimadas, a

banca que tivesse a *Tribuna da Imprensa* exposta eles queimavam porque a *Tribuna* foi um erro jornalístico do Carlos Lacerda, ele fez vários, mas esse foi terrível. Era um grande jornalista, mas a *Tribuna* botou exatamente a manchete de vitória da UDN: "GETÚLIO RENUNCIOU". E a *Última Hora* botou: "SÓ MORTO SAIREI DO CATETE", entre aspas, que foi a frase que o Samuel Wainer ouviu de Getúlio na reunião do ministério. Então, a *Última Hora* deu um banho, deve ter vendido seis edições. E onde tinha a *Tribuna* exposta eles queimavam a banca, jogavam gasolina, tocavam fogo e espancavam o jornaleiro. Eu vi dois desse episódios e fui para casa. Quando cheguei em casa, meu pai: "ninguém vai comentar nada, vai ficar todo mundo quieto nessa casa e eu não quero comemoração". Porque algumas irmãs eram bem udenistas. Eu era lacerdista também nesse tempo, Lacerda era uma sedução, principalmente para a cabeça dos adolescentes, e aí eu me lembro perfeitamente, isso foi um dia marcante na vida.

Quando você começa a estudar jornalismo e onde?

Acabei o científico no Colégio de Aplicação e fui fazer vestibular para Faculdade Nacional de Filosofia, que fazia parte da Universidade do Brasil, que virou UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, era Universidade do Brasil porque o Rio era capital. E tinha essa maravilhosa faculdade que se chamava Faculdade Nacional de Filosofia, a Fenefi, como a gente chamava intimamente e a Fenefi foi a única universidade que eu conheci, e olha que eu dei aula em três universidades, trabalhei pelo ministério um tempo, avaliando cursos universitários, e a única universidade que eu conheci foi a Fenefi. Era chamada de Faculdade de Filosofia, mas na realidade tinha cursos de geologia, física, matemática, história, geografia, jornalismo, letras neolatinas, letras anglo-germânicas. E tudo num prédio só, era um prédio que hoje voltou a ser Casa de Itália, porque aquele prédio tem uma história interessante também. Era da Itália, quando houve a guerra o governo Getúlio confiscou. A faculdade se instalou lá depois, e quando o mundo esqueceu que a Itália foi nossa inimiga um dia, o governo italiano reivindicou e voltou. Hoje é o consulado da Itália. Naquele prédio, onde tinha um auditório maravilhoso, onde tinha um cineclubes, diretórios acadêmicos na maior atuação, ali nós vivíamos. Era uma vida, o dia inteiro ninguém saía da faculdade, porque tínhamos sempre ou um filme

maravilhoso, ou uma peça ou uma assembléia. Era uma vida universitária como eu não vi mais. Acredito que tenha, espero que tenha em alguma universidade, mas eu não vi mais.

Ana, mas o curso de jornalismo propriamente?

Hoje eu reflito e acho que foi bom, o curso, mas era uma decepção porque não tinha quase jornalismo. A gente aprendia Teoria do Estado com Vítor Nunes Leal, um luxo absoluto. A gente aprendia História da Civilização com Delgado de Carvalho, que era um homem que tinha feito o mapa das relações internacionais, um homem formidável. Tínhamos os melhores professores. Tínhamos o Simeão Leal, que era realmente um intelectual completo, dando Técnica de Periódico, mas o Simeão Leal ficava contando história do Brasil e falando de cultura. Ele trabalhou muito tempo no Ministério da Educação e Cultura (naquele tempo), era um homem de cultura fantástica. E tínhamos o Danton Jobim, que era o jornalista do curso. Depois, houve um professor de televisão, foi no último semestre, uma novidade absoluta, esqueci o nome, maldade... mas tivemos um professor de jornalismo televisivo e Danton Jobim, que dava aula de técnicas de jornalismo, então, esse seria o professor de jornalismo. E o Danton Jobim foi péssimo professor - eu tenho que dizer isso - eu só descobri a importância do Danton Jobim (e hoje eu adoro o pensamento do Danton Jobim) quando eu fui dar aula, que eu peguei os livros do Danton e disse: "Meu Deus, tudo que se fala aí foi Danton que primeiro falou". Danton é um inovador do jornalismo brasileiro. Mas, ao mesmo tempo, era um homem muito preguiçoso, se a gente pode rotular alguém assim, displicente. Era um homem divertido, inteligentíssimo, político, muito político. Ele trabalhava no gabinete do Juscelino (Kubitschek), quase não dava aula, deixava todo mundo passar para não ter prova de segundo semestre, enfim, passou pouco para gente daquilo tudo que ele sabia. O curso não tinha prática de espécie alguma, eu nem me lembro se tinha máquina de escrever, mas eu acho que não, não sei. Não me ficou na memória uma máquina de escrever, nem eu trabalhando lá na escola. Mas, talvez fosse o curso mais certo, quando eu dava aula, muito tempo depois, eu pensava: será que aquele curso não era o certo, será que técnica não se aprende em um semestre? E o que tem que aprender é história das relações

internacionais mesmo, é economia mesmo, é história mesmo? Eu hoje valorizo aquele curso porque eu me formei, não conhecia ninguém em jornal, e louca para trabalhar em jornal mas não tinha. Minha família, quando eu estava no curso, tinha uma colega de trabalho que tinha uma amiga que trabalhava na *Tribuna da Imprensa*. Lina, que chamava, era Umbelina, aliás com um nome inesquecível, nunca mais ouvi falar nessa pessoa, Umbelina Sena Canguçu. A Umbelina disse assim: "sua irmã não quer ir lá na *Tribuna* não, o Lacerda vai dar um curso para o pessoal da *Tribuna*". O Lacerda, periodicamente, dizia que não queria saber mais da política e ia se dedicar só ao jornal. Passava dois meses no jornal e largava. Lacerda deu, então, uma semana de aula para o pessoal da *Tribuna* e eu pude assistir. Foi um cursinho maravilhoso. Um belo dia ele chegou e disse: "o que é que você está fazendo aqui? Você quer ser mesmo jornalista?" "Quero!" "Já leu o João do Rio?" "Não". "Tem que ler, foi o primeiro repórter brasileiro, tem que ler". Então, eu assisti o pessoal da *Tribuna* com aquele monstro que era o Carlos Lacerda, em todos os sentidos, jornalista fantástico, um homem de uma inteligência deslumbrante, dando aula lá dentro. Mas foi uma coisa muito breve. Eu não tinha tido contato nenhum com redação. O *Roteiro da Juventude* era impresso na *Última Hora*, então, eu freqüentei a oficina da *Última Hora*. Eu tinha esses dois contatos com jornal, mas não conhecia ninguém nas redações.

A *Tribuna da Imprensa* foi um dos primeiros jornais a ter manual de redação. Você acha que esse curso do Lacerda já era uma tentativa de implantar novos padrões?

Não, Lacerda era muito personalista, era uma coisa dele mesmo, para melhorar o jornal. Não creio nem que ele acreditasse em normas. Era uma coisa mais para animar o pessoal e para dizer: Agora eu estou no comando. Ele era um jornalista extraordinário. Por exemplo: as histórias da *Tribuna* que corriam naquele tempo... tem a história, mesmo um pouco depois, o Newton Carlos Figueiredo era um grande repórter, tem a famosa história da Carta Brandi. O Lacerda mandou o Newton Carlos à Argentina para trazer o comprovante, o Newton Carlos viu que era falsificada e disse: "Está falsificada" e o Lacerda disse: "Eu não lhe mandei lá para isso não". "Mas Lacerda, eu sou repórter e apurei, é falsificada". "Então cala a boca". A

Tribuna era isso, um jornal político, a serviço do Carlos Lacerda. Sobre a *Tribuna*, eu acho que vale a pena lembrar uma coisa extraordinária. É o único jornal que eu conheça no mundo, jornal mesmo, diário, que foi feito na base de pequenas contribuições. A *Tribuna*, o Lacerda lançou, ele teve a ajuda do Paulo Bittencourt, do *Correio da Manhã* porque ele se demitiu do *Correio da Manhã*, mas usou a *Tribuna da Imprensa*, que era a coluna dele no *Correio da Manhã*, para fazer propaganda do jornal que ele ia lançar. A *Tribuna* vendeu ações para todo mundo. Minhas irmãs se juntaram as três para comprar uma ação. Isso foi um movimento entre todos os lacerdistas do Rio de Janeiro. Lacerda tinha um eleitorado fantástico. Ele também fazia programa no rádio. O eleitorado dele chamava "as mal amadas". E foram as mal amadas mesmo, aquelas senhoras apaixonadas por ele que conseguiram que o jornal ficasse de propriedade dele. Elas montaram uma banquinha na *Tribuna* e ficaram ligando para todos os acionistas e perguntando: "Tem interesse mesmo de ser acionista, de participar do jornal?" "Não, eu comprei só para ajudar Lacerda". "Então você vem aqui e passa para ele?" As pessoas iam lá e passavam as ações para ele, que ficou com 80% das ações. Foi subscrição popular mesmo, popular de classe média, mas era.

Isso é uma grande marca desse partidarismo da imprensa?

Do partidarismo da imprensa e da época. Era de um jornalismo muito político e uma divisão política muito grande. Você era getulista e odiava o Lacerda. Você era lacerdista e odiava o Getúlio.

O consumo dos jornais era determinado por isso?

Muito. Eu estou falando em opostos, mas havia nuances. Você escolhia o jornal por sua ideologia, coisa que desapareceu completamente.

Como você chegou ao Jornal do Brasil?

Isso foi exatamente por conta do *Roteiro da Juventude*. Porque um dia eu me encontro com o Cícero e ele pergunta: "Você, como é que está?" "Me formei e estou sem saber o que fazer". Como minha família era muito grande, todo mundo trabalhava e eu dava aula de matemática para o pessoal de ginásio, para ganhar um dinheirinho e não pesar em casa.

Estava louca para trabalhar em jornal. O Cícero disse: "Eu estava no *Jornal do Brasil*, mas fui chamado para um coisa que me interessa mais, mas o *Jornal do Brasil* está numa fase maravilhosa. Ele está fazendo uma reforma e acho que você vai adorar. Procura o Wilson Figueiredo lá, ele é o chefe de reportagem, diz que fui eu que mandei". Isso era 1958. Eu fui lá com a cara e a coragem. Perguntei: "quem é o Sr. Wilson Figueiredo, por favor?" As pessoas já me olharam espantadas porque ninguém em jornal chama ninguém de senhor, ainda mais, Seu Wilson. Eu, com a cara de palerma, tinha pouca convivência. Falei com Wilson que tinha me formado em jornalismo, ele já me olhou espantado se perguntando que bicho é esse que se forma em jornalismo. Pouquíssima gente se formava. Disse que quem me mandou foi o Cícero Sandroni. "Ah, você conhece o Cícero?" "Conheço, sou muito amiga dele". "Mas você quer fazer o quê?" "Eu quero trabalhar aqui, quero fazer o que tiver, ser repórter, não é assim que se começa?" "Um momentinho". E me deixou sentada lá na cadeira. A redação tinha um aquário, era de vidro e lá dentro ficava o Odylo Costa Filho, com dois ou três editorialistas, aquele pessoalzinho dele, ele estava sempre cercado de discípulos. O Wilson foi lá e eu só via os dois conversando e me olhando. Volta o Wilson e diz: "Tudo bem, Ana, eu conversei com o Odylo e você pode começar aqui um estágio segunda-feira". Fiquei louca de alegria e cheguei em casa dizendo: "vou começar a trabalhar no *Jornal do Brasil* segunda-feira, consegui um estágio" E, aí, uma das minhas irmãs, malvada que nem ela só, disse assim: "Você sabe que dia é segunda feira? Estão te fazendo de idiota, segunda feira é primeiro de abril. Você vai até lá e vai ser uma gargalhada só na sua cara". Gente, eu não dormi naquele fim de semana. Eu pensei: "se eu não for, pela covardia eu perco a chance da minha vida e se eu for e acontecer isso? Bom, paciência, eu vou". Fui e comecei a trabalhar tranquilamente, fui recebida muito bem, fiquei quatro belos anos lá.

Qual era a situação de uma jovem mulher chegando numa redação naquele tempo?

Olha, era estranhíssimo. Primeiro, eu ficava vermelha a toda hora porque as pessoas ficavam me olhando e eu para atravessar a redação - a redação era enorme - eu atravessava olhando para o chão, porque era a única mulher.

Acho que a Clecy já trabalhava lá, essas coisas eu sempre esqueço se foi logo depois, mas era na Internacional e só chegava à noite, ficava no aquarozinho. E tinha umas duas setoristas, aquelas mulheres que trabalhavam no ministério de não sei o que e levavam o noticiário de noite, era só quem eu via de mulher, o resto todo era homem. Família grande, você fica muito fechada no núcleo familiar, claro que eu tinha feito faculdade mas, de qualquer maneira, eu tinha um convívio muito pequeno, eu nunca tinha ido a um botequim por exemplo, e fui entrar logo numa redação de jornal. Era complicado, mas, ao mesmo tempo, foi um coisa muito prazerosa, porque as pessoas tinham comigo uma coisa de proteção. Eu diria que era até uma certa injustiça em relação a outras pessoas que depois começaram a trabalhar lá, porque eu era a moça de boa família que estava trabalhando lá, então eles ficavam preocupados. O fotógrafo então, era muito engraçado, quando eu saía com fotógrafo parecia que eu estava saindo com meu pai, com meu tio. Ficavam me paparicando, me protegendo mesmo, até fisicamente. Me lembro que uma vez, quando o (Yuri) Gagarin (astronauta russo) chegou, quando é que o Gagarin chegou? Aí já é 1960. Lacerda era governador. A gente foi ao Galeão (aeroporto) e de repente os soldados da Aeronáutica varrendo a multidão para o Gagarin não ter recepção. Afastando porque não podia aplaudir o Gagarin. Se não fosse um motorista, a gente ia de Jeep, aqueles carros horrorosos, o motorista fortíssimo, Sr. Luiz, me agarrou e se não fosse ele sei lá, aqueles homens da Aeronáutica iam me pisotear e me largar no chão. Até essa proteção física. Principalmente o Odylo, os chefes e Wilson, reconheceram logo que eu era alfabetizada, isso é uma das coisas de que eu me gabo, porque não é que o pessoal que não fazia faculdade fosse ignorante, não era isso. No jornal havia grandes cabeças, a começar desses dois. O Odylo era de uma cultura extraordinária. Todo o copidesque, era gente de qualidade que não tem hoje em jornal. Mas a reportagem, particularmente alguns setores, polícia era quase tudo analfabeto que fazia. Analfabeto é quem não sabe direito as coisas. Esporte também era uma gente muito sem cultura e sem português também, sem redação. Isso me ajudou muito. Eu acho que já lhe contei, mas vou contar de novo aqui no depoimento. A história em que um dia o Odylo me chamou e eu fui, e estavam no aquário o Odylo e mais uns 4 ou 5 redatores, figurões do jornal. E, aí, Odylo vira

para mim, ele tinha esse jeito assim de deixar a gente desconcertado, ele fez muito teste comigo nesse sentido, me ajudou muito, mas maltratou também um pouco. Ele fazia assim: "Olha, eu quero saber o que você leu de Machado de Assis". Assim mesmo, nesse tom. Eu me lembro que fiquei vermelha, vermelha e pensei: "vou dizer a verdade, por que não dizer a verdade? Vão rir de mim, azar o deles". Disse: "tudo o que está publicado pela (Editora) Jackson". Tinha as obras completas publicadas pela Jackson. Aí desabou aquela risada e eu ali firme. Roxa de ódio, mas firme ali. Ele disse: "não, é porque eu fiz uma aposta aqui, você tinha que ser leitora de Machado, porque você põe as vírgulas no lugar". Eu comecei a ganhar um prestígio na redação não só porque eu tinha 20 anos, e tinha cara de menos, eu realmente parecia uma menininha ali dentro daquela redação, então comecei a ganhar prestígio também por isso. O copisdeque dizia: "Que bom, Ana, seu texto não precisa de consertar". A coisa ficou mais fácil para mim e quando eu comecei a fazer reportagens maiores, eu comecei a ficar mais ousada e sugeria reportagens, reportagens de pesquisa, de gabinete, que não se fazia mais, estava parada, lá não se fazia. Aí foi muito bom para mim, eu comecei a dar primeira página todo domingo, com aquelas reportagens em série: reforma agrária, infância abandonada, sistema de educação no Brasil. Coisas de pesquisa e entrevista, mais de revista, mas que era importante para os jornais de domingo. Eu fiz um jornalismo diferenciado que me deu um status na redação.

Ana, como as fontes te recebiam, tinham preconceito pelo fato de ser mulher?

Muito. Era do espanto ao encantamento, à grosseria, gaiatice. Eu sempre conto duas histórias que me marcaram muito. A do Afonso Arinos, que era um homem educadíssimo, maravilhoso, mas que, quando senador, me recebeu furioso porque o jornal me mandou. "Eu peço um repórter para vir aqui e vem uma menina estagiária!". Ficou aquele constrangimento e eu disse: "Bom, se o senhor não quer falar comigo tudo bem, eu vou embora e digo isso lá no jornal, mas foi o chefe de reportagem que me mandou aqui". Acho que era até o Araújo, o chefe. O assessor dele entrou e disse assim: "Senador, Ana Arruda é a melhor repórter que o jornal tem, o senhor acha que o jornal ia mandar alguém que não fosse de primeira linha para lhe

entrevistar?”. Aí ele se acalmou e me deu a entrevista. E quando eu reencontrei Afonso Arinos, ele gostava muito de (Antônio) Callado, então, eu, já casada com Antônio, ia à casa dele. Eu não sei se ele não me reconheceu ou resolveu fingir que não reconhecia, porque eu também fingi que nunca tinha visto ele antes. Ele era um doce comigo. E era um homem educadíssimo, você vê o que era o preconceito, ele ficou furioso. Ele achou que era uma descortesia do jornal mandar uma mulher, uma garota. Pior eram as coisas grosseiras mesmo, como o ministro da Saúde que, quando o (Albert) Sabin veio a primeira vez ao Rio, é curioso porque depois o Sabin casou com a Helô Dunshee de Abranches, sobrinha da Condessa (Dunshee de Abranches, dona do *Jornal do Brasil*), o Sabin estava vindo pela primeira vez para tratar do acordo com o Brasil para vender a vacina e eu cheguei ao encontro no Hotel Glória atrasada e aí saí correndo para o ministro, ele estava cercado, e disse: “ministro, por favor, eu sou do *Jornal do Brasil*, eu preciso saber o que o senhor conversou com o Dr. Sabin”. Ele disse: “se você almoçar comigo, benzinho, eu conto tudo”. Essa coisas me davam vontade de dar três tiros no cara. Eu disse: “muito obrigada”. Os assessores morriam de rir. Tinha o cara em Belém que disse: “você acha que eu acredito em negócio de repórter mulher, mulher viajando sozinha, eu sei muito bem o que é”. Era duro por um lado, mas eu acho que esses mal entendidos, essas grosserias eram mínimas diante de pessoas como Celso Furtado, por exemplo, cheguei numa reunião dos bispos em que ele foi lá expor sobre a Sudene, de repente, o Celso me recebia como se fosse de igual para igual. Conversando comigo de igual para igual. As pessoas mais educadas, com mais trânsito no mundo me recebiam muito bem.

Ana, nesse momento em que você chega no *Jornal do Brasil*, em que pé está a reforma?

Ainda estava tímida porque ainda era o Odylo Costa Filho. O Odylo tinha tido como tarefa da Condessa modernizar o jornal, mas o Odylo era um homem conservador, era um acadêmico em todos os sentidos, não só era da Academia, como era um acadêmico. Fez uma coisa formidável que foi chamar intelectuais, ele formou o copidesque. O Ferreira Gullar, porque tinha a coisa do maranhense, a solidariedade regional, ele era maranhense e chamou o Gullar que era um maranhense já conhecido como homem de

grande inteligência, mas um rapaz pobre, pouco conhecido no Rio, para ser copidesque e logo ficou chefe do copidesque. Ele, no máximo, permitiu a abertura, já estava o Amílcar (de Castro) lá, ele permitiu a abertura de uma foto na primeira página, estava nesse ponto. A foto na primeira página e aquela legendinha. Foi exatamente quando eu estava começando no jornal que houve a chamada revolução, foi até engraçado porque foi em janeiro de 59, quando Fidel Castro estava entrando em Havana, e houve um avião de jornalistas brasileiros que foi para lá. E do *Jornal do Brasil* foram Carlos Lemos, Jânio de Freitas, Araújo Neto, e não lembro quem foi, mas teve um quarto. Eu sei que, quando eles voltaram, o pessoal dizia que eles tinham ido lá para aprender revolução, porque quando voltaram praticamente tomaram conta do jornal. O Odylo botou o Carlos Lemos e o Jânio de Freitas no Esporte como castigo para eles não ousarem muito e lá eles fizeram a grande reforma. Abriram a foto, cortaram a foto e dava aquele susto e a coisa ficou irreversível. Ao mesmo tempo o Reynaldo Jardim fazia o Suplemento Dominical com Gullar. De repente, aquele suplemento concretista, não dava mais para o estilo Odylo. Não sei como e nem por quê, mas sei que Odylo saiu. Veio um outro redator-chefe, cujo nome não me lembro, mas foi muito tampão. Quando Jânio assumiu a redação, aí sim, que ele era amigo do Amílcar ou ficaram amigos lá, não sei. Amílcar, então, fez aquela página inteira. Já tinham tirado os fios nos suplementos, a coisa foi aos poucos, mas eu diria que se consolidou quando o Amílcar ficou encarregado de diagramar o jornal inteiro com toda a liberdade, Jânio de Freitas de redator-chefe e o Carlos Lemos de chefe de reportagem. Ou era Araújo. Não me lembro bem os cargos. Lemos ficou no Esporte, Araújo de chefe de reportagem. Enfim, foram eles que moldaram o jornal. Quando digo que aí se fez a reforma, é que aí o jornal chegou ao seu nível de excelência técnica e formal. Havia até um certo exagero, que era aquela história de que todas as matérias tinham que ter seis linhas de lide, cinco linhas de sublide, porque tinha que parecer um quadro do Mondrian. Aliás, eu falo muito na mesa de Jânio de Freitas. Jânio tinha uma mesa grande de vidro e embaixo tinham três coisas: um retrato de Fidel Castro, que ele tinha tirado em Havana, barbudo chegando em Havana, um quadro, uma reprodução do Mondrian e, do outro lado, um carro de corrida, que era uma paixão dele, as corridas de automóvel e representava bem a personalidade

dele. Cria-se uma harmonia muito grande também. Gullar no copidesque, Reynaldo (Jardim) criando o segundo caderno (Caderno B). Eles eram pessoas que pensavam igual, todos pensavam muito para frente, muito com vontade de modernizar. Nessa época, era uma maravilha viajar pelo *Jornal do Brasil*, você chegava numa cidade - viajei bastante - era uma loucura, as pessoas me procuravam. Quando eu chegava no quarto do hotel já tinha uns dez recadinhos: "Ana, sou do *Diário de Minas*, como a gente fala com você?" Eu ficava dando entrevistas para jornalistas saberem como era o *Jornal do Brasil*. Todos queriam saber como era, porque foi, de longe, o melhor jornal do país naquela época. É um privilégio ter trabalhado ali naquele momento. É uma coisa fantástica. Agora, porque que a pessoas dizem que não foi o Dines que fez. Eu creio que Dines consolidou a empresa porque, até então, era um jornal maravilhoso numa empresa ainda frágil. Tanto que a redação era enorme, o departamento de administração era mínimo e o departamento de publicidade era mínimo. Quando se mudaram para a Avenida Brasil, que foi o enterro do jornal - aquele prédio faraônico para nada, sem necessidade - você ia visitar e era o oposto, a redação era enorme, tudo era enorme, mas a publicidade e a gerência eram maiores. Quando um dia eu tive uma volta ao *Jornal do Brasil*, depois que saí em 1962, e quando eu vi que tinha mais gerências e a redação era apenas um dos departamentos, eu vi que aquilo não dava certo. Deu certo para a família, ganhou muito dinheiro durante muito tempo.

Quando você entra ainda tem lide, copidesque, lauda metrificada?

Já tinha lauda, o Amílcar (de Castro) já tinha aplicado até a lauda, a gente batia naquela lauda verdinha, com traços verdes, me lembro bem, máquinas Olivetti, que era o máximo de modernidade. Que também é uma fantasia de que o Amílcar que fez o *Jornal do Brasil* comprar máquinas. Não é verdade, sempre houve máquinas. Mas a lauda sim, marcada, com tamanho certo. Porque era um desperdício de papel, qualquer errinho tinha que arrancar a lauda, amassar e jogar na cesta e fazer outra vez. Benditos computadores agora. E copidesque formado, um copidesque de luxo absoluto. Décio Vieira Ottoni, que morreu de beber. Porque tinha isso também. Nunca mais ouvi falar em jornalista morrer de beber, ainda tem? Deve ter, é que a gente não fala mais assim. Antigamente, tinham muitos

jornalistas maravilhosos que morriam de cachaça. (José Ramos) Tinhorão, era uma graça a matéria da gente cair nas mãos do Tinhorão. Nilson Lage, foi quem mais seguia as normas de redação, um copidesque de primeiríssima. Cláudio Mello e Souza, poeta. Nelson Pereira dos Santos era copidesque e o Ferreira Gullar dirigindo. Devia ter outros dois ou três que não estou me lembrando. Era uma redação, nessa época do Jânio (de Freitas) chefe de redação, realmente de altíssimo nível, mas as pessoas não tinham mentalidade empresarial, isso tem que se dizer. Eu me lembro da gente tarde da noite, todo mundo ali na redação a discutir manchete, era uma festa, e depois ia todo mundo para a churrascaria, todo mundo beber. Era uma coisa muito agradável, a gente sabia o que estava fazendo, e quando eu digo a gente sabia, eu era repórter só, mas eu me sentia fazendo o jornal e todos que trabalhavam lá se sentiam fazendo o jornal. Coisa muito diferente da coisa compartimentalizada que veio depois. Eu acho que quando deixou de ser seção para ser editoria é que a coisa melou. Editoria disso, editoria daquilo, deu muito chefete e não melhorou a redação de nada não.

Você chamou o Suplemento Dominical de suplemento concretista?

Era todo concretista. Eu diria que foi o órgão oficial do concretismo no Rio de Janeiro. Tinha o concretismo carioca e o concretismo paulista e eram inimigos. Os Campos, os irmãos Campos, eram inimigos de Gullar, Reynaldo e Lígia Clark.

A parte estética da reforma, como ela dialoga com o contexto cultural da época?

Totalmente. Eu tenho até pena que a Maria Inês nunca escreveu isso, mas acho que já há artigo sobre isso. Maria Inês Duque Estrada, que trabalhou nesse tempo também no Jornal do Brasil, era da Internacional, ela estava estudando filosofia e chegou a fazer um projeto de dissertação de mestrado na área de estética sobre isso. Sobre a estética Juscelino Kubitschek, ela chamava. Então, era o Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* e o *JB* em geral, Brasília e a Bossa Nova. Chamavam o Juscelino de presidente Bossa-Nova. Ela achava que essas três coisas eram a estética brasileira, inclusive, criação brasileira da época. Embora o Mondrian estivesse lá, claro que as

influências são todos estrangeiras, felizmente, ninguém é xenófobo. Mas era um momento brasileiro, um momento de Brasília, de Oscar Niemeyer, da maneira de governar de Juscelino. Juscelino chegava e o fotógrafo fazia: "Presidente, eu perdi a assinatura", ele aí chamava o ministro: "venha cá para o fulaninho do jornal tal fotografar". Era um luxo. Era essa mentalidade.

Ana, esse passo que o *Jornal do Brasil* deu, no sentido do empresariamento, também tem a ver com esse ambiente de industrialização que o Brasil estava vivendo?

Claro, é o segundo momento de industrialização. Os jornais já tinham virado empresa no primeiro momento de industrialização no Brasil, no começo do século XX, mas eram empresas frágeis, era aquela primeira industrialização. Agora era a coisa pesada, como indústria automobilística, siderúrgicas e da concentração empresarial. Acabou a era dos armazéns e começou a era dos supermercados.

Acabou também a era dos pequenos classificados, ganhando maior importância os grandes anunciantes?

Grandes anunciantes que, inclusive, passaram a influenciar muito os jornais. Nos classificados, o jornal tem absoluta liberdade. O jornal que vive de classificados ele pode impor sua linha editorial. É claro que a linha editorial é do dono e dos amigos do dono, não é jamais do repórter nem do chefe de reportagem. Mas, de qualquer maneira, há uma liberdade maior se o dono realmente amar o jornalismo. É a grande diferença que eu sempre falo entre o Nascimento Brito e o Roberto Marinho. O *Jornal do Brasil* era muito mais de acordo com o que eu pensava do mundo, *O Globo* eu achava um horror, um jornal americanizado, jornal "reaça", mas, na realidade, Roberto Marinho era jornalista e amava o jornal. Nascimento Brito tinha horror do jornal, só queria o dinheiro que o jornal dava para ele. Tudo que se disser sobre o Nascimento Brito ter reformado ou melhorado o jornal é mentira. Não é nem memória confusa não, é mentira. É para endeusar um figura que tinha lá seus méritos, não tenho nada contra ele não, nunca me fez mal, ao contrário, foi muito bom patrão para mim, mas não tinha o menor interesse no jornal, nunca foi à redação, nunca discutiu. Tanto que o

Dines, quando era chefe de redação do *Jornal Do Brasil*, ele era dono absoluto do jornal, fazia tudo. Até que um dia o Brito descobriu isso, ficou danado e também demitiu ele assim: ploft!

A saída do Dines aconteceu já no contexto da ditadura...

Não sei em que ano foi. Em 1973, acho. Bem, eu voltei a chamado do Dines. Bom, quebramos um pouco porque eu falei dos quatro maravilhosos anos, porque em 1962 teve a greve dos jornalistas e eu fui demitida. Mas quando chegou exatamente nos anos 70, eu trabalhava na editora Delta. Com a ditadura militar, não havia possibilidade de eu trabalhar em jornal, então eu entrei na Delta e o Dines me chamou para fazer o caderno infantil que o jornal ia lançar. Eu voltei ao *Jornal do Brasil* com o Dines ainda senhor absoluto do jornal. Depois, ele saiu e veio o Walter Fontoura e, quando eu decidi sair - a segunda saída fui eu quem quis - o jornal já estava cheio de departamentos, de superintendências.

Vamos voltar a 1962, sua primeira saída, como foi o episódio da greve?

Essa greve foi muito curiosa porque, na realidade, era uma greve dos gráficos. Quando a gente fala isso não dá nem para entender nos dias de hoje. O que eram os gráficos? Eram as figuras fundamentais do jornal. O jornal era feito todo naquelas oficinas com cheiro de chumbo, eles tinham que ficar tomando leite. Os gráficos é que mandavam e os gráficos tinham que ser alfabetizados. Desde o começo do século XX, quando os sindicatos se formaram, os primeiros sindicatos fortes eram os dos gráficos porque eles tinham que saber ler e escrever. Eles liam o que eles digitavam. Os gráficos sempre foram os operários de primeira linha em todo o movimento operário. Depois viraram os metalúrgicos, mas isso muito depois. Então, os gráficos fizeram uma greve por salários. Quando estava no segundo dia da greve dos gráficos, sei lá, logo em seguida, o sindicato dos jornalistas convocou uma assembléia e nós votamos em solidariedade aos gráficos e também por aumento de salários. Já tinha havido passeata e o diabo. Fizemos uma passeata na Avenida Rio Branco. Sessenta por cento era a base do aumento. Naquele tempo de inflação louca, 60% era o mínimo que se pedia. Os patrões não queriam negociar e fomos à greve. Foi uma coisa

muito ousada porque parar jornal é complicado, o jornalista não é gente solidária um com outro. Nós nos reunimos no sindicato. Eu me lembro que no *Jornal do Brasil*, a parte que eu acompanhei, claro - o nosso chefe naquele tempo era o Jaime Negreiros e ficou lá com a gente no sindicato, aderiu à greve, quase todo mundo aderiu à greve - logo no segundo dia o jornal não saiu. Acho que o *Jornal do Brasil* não saiu dois dias, é a minha memória, posso estar equivocada, outro pode contar uma história diferente para você. Mas no segundo dia já tinha gente se oferecendo para trabalhar no jornal e no terceiro dia a greve teve que acabar, porque a pressão foi enorme e começou o pessoal a voltar para trabalhar, então, ficava inútil manter a greve. Mas conseguimos dois dias sem jornal no Rio de Janeiro. O *Correio da Manhã* quase saiu porque teve jornalista indo para oficina substituir gráfico. Não digo nomes, mas são nomes importantes. Foi uma glória. Eu me lembro de piquete na porta de *O Globo*, eu estava no auge, tinha descoberto uma outra coisa, o ativismo político, uma maravilha, então ir para rua e fazer piquete na porta de *O Globo* para *O Globo* não sair, era melhor do que uma boa reportagem. Fizemos tudo isso. E nós todos acreditando no sindicato e no ministro. Governo João Goulart, era o ministro João Pinheiro Neto. Todo mundo: João Pinheiro Neto já nos garantiu, tivemos reunião com o ministro. Enquanto a gente acreditava no ministro e no presidente, o advogado dos patrões teve uma idéia genial, o presidente do sindicato era o Chagas Freitas, que tinha uma força gigantesca. Chagas contratou um escritório de advocacia *top* que bolou a seguinte coisa: enquanto esses palermas ficam aí, o que é que vamos fazer? Nós vamos acioná-los. Antes que nós acionássemos porque tínhamos sido demitidos, eles acionaram a gente dizendo que tínhamos abandonado o trabalho. Enquanto estivesse rolando aquele processo a gente não podia processá-los. Foi uma jogada genial. Eu sei que ficou naquela coisa e a gente viu que não adiantava processo nem nada. Nós tínhamos perdido. Foram 80 demissões em todos os jornais. No *Jornal do Brasil* foram 13. Tinha arquivista demitido, isso na área de redação. Acho que não teve gráfico demitido, eles não são bestas, os gráficos tinham força. Jornalista você substitui, até hoje se demitir uma redação inteira no outro dia tem outra para substituir. Eu tenho a honra de dizer que fui demitida com Sérgio Cabral, Ferreira Gullar e outros tantos ilustres intelectuais. Aí começou

aquela negociação, e eu me lembro que fui chamada ao jornal, quando eu fui ao jornal para ver a situação, eu estava demitida. O Wilson Figueiredo, que não era mais o chefe de reportagem, mas com quem eu tinha iniciado e continuado a ter um relacionamento ótimo, que é uma figura maravilhosa, meu amigo até agora, Wilson me chamou e disse: "Ana, vem cá, pára com isso, eu falei com Dr. Brito e ele disse que não quer lhe demitir, mas que tem que demitir quem fez greve, porém se você disser que veio um dia desses três de greve à redação, você escreve aqui, veio um dia, eu tiro você da lista. Eu disse: "não vou fazer isso, como você me pede isso? Eu estava lá a sério, com os meus colegas, não vou fazer uma coisa dessas". E assim eu fui embora e na minha vida pessoal, foi uma... ao mesmo tempo que eu me sentia meio heroína, mas que heroína? Se me perdoem, de merda, que perde seu grande emprego, seu primeiro grande emprego. Estava na pior mas Hélio Fernandes, esta figura incrível, que até hoje eu não entendi, estava então na *Tribuna da Imprensa*, tinha comprado do Carlos Lacerda, disse assim: "que absurdo esse pacto". Porque o Chagas Freitas fez todos os donos de jornais fazerem um pacto: quem foi demitido de um não pode ser admitido no outro. "Vamos dar uma lição nesses grevistas". O Hélio disse: "eu não entro num pacto desse não, quem é que foi demitido?". Então mandou me chamar. Mas o que ele tinha para me oferecer era repórter de Economia, eu não sabia nada de Economia, mas repórter é repórter, não é? Meti a cara e fiquei de repórter de Economia.

Qual era a situação da *Tribuna* nessa época, já com Hélio Fernandes?

Era frágil, porque o Hélio sempre quis ser o Carlos Lacerda, mas não dá... Você, ou nasce para Carlos Lacerda ou para Hélio Fernandes. Maldade dizer isso, ele foi tão bom comigo, tão correto. Continuava um jornal absolutamente político. Já não era lacerdista. Não. Era, claro que era. Foi quando Lacerda rompeu com a ditadura militar, a "revolução", o Hélio também, então começou a ficar divertido para mim também porque eu trabalhava na economia e o ministro do planejamento era Roberto Campos, que era todo poderoso, era quem mandava no Brasil não é? E a *Tribuna* resolveu baixar o cacete no Roberto Campos e era a minha área. Eu e Noêmio Spínola fazíamos Economia. Eu me lembro que fiz uma série sobre

a empresa do Roberto Campos que tinha os maiores trambiques, e eu assinava tudo com um nome assim Mauro da Flores, sei lá, uma coisa bem absurda assim. O Hélio tinha essa coisa maravilhosa, quando era reportagem perigosa, contra o Roberto Campos que era o querido do presidente Castelo Branco, então era pseudônimo. Ele era preso, era interrogado e dizia: o que sai na *Tribuna* é de minha responsabilidade. Nunca falou o nome de um repórter. É incrível, não é? Ao mesmo tempo, simplesmente, quando você estava empolgado com uma reportagem, como uma vez que, sobre a situação dos aviões da aviação no Brasil, tema bem atual, eu me empolguei toda. Meu irmão tinha sido presidente do sindicato dos aeronautas, sabia tudo sobre isso, meu irmão deu dez dicas sobre quem sabia tudo. Eu preparei a primeira reportagem, era uma bomba sobre a situação dos aviões, como estava tudo caindo aos pedaços e saiu aquela primeira página, Ana Arruda e coisa e tal. Quando eu entrei no jornal no dia seguinte, orgulhosa, o chefe de reportagem, que era o Miguel Borges, que era até cineasta mas que estava ali trabalhando, cineasta de vez em quando tem que virar chefe de reportagem para sobreviver. Ele disse assim: "Parabéns Ana, quer dizer que você entrou nessa de primeira, segunda, até que... não é?" Eu disse: "mas do que você está falando?" "Você não sabe como a gente chama aqui na *Tribuna* as suas reportagens em série?" "Não me assuste Miguel, são quatro reportagens, a segunda eu estou entregando hoje". "Tá, você me diz até onde vai a sua série". Eu disse: "São quatro". Saiu a segunda e o Hélio Fernandes me chamou no gabinete dele e disse: "Ana, eu não quero mandar recado por ninguém, eu quero que você ouça da minha boca. Acabou". Eu disse: "como acabou?" "Não tem mais esse assunto aqui na *Tribuna*". Ele já tinha conseguido o que queria. A mesma coisa com o estouro da Manesmann. Foi outra frustração minha, quando era repórter de Economia. Eu tinha conseguido tudo sobre a falsificação, houve um grande derrame de ações falsas da Manesmann, que era uma companhia fortíssima, e eu sabia tudo sobre os envolvidos, pessoas importantíssimas. Entrevistei, inclusive, o cara que ajudou a falsificar. Enfim, eu estava com um furo absolutamente deslumbrante na mão. Chego na *Tribuna*: "o patrão está te chamando". "Oi Hélio, o que é?" "É para lhe avisar o seguinte: assunto Manesmann não existe para a *Tribuna*". Eu disse: "Hélio, eu tenho tudo! Muito mais do que os outros". Os

repórteres de Economia se encontravam e trocavam figurinhas e eu sabia que tinha mais do que os outros. “Estou lhe avisando Ana, Manesmann não existe”. “Mas vai ser o assunto dos próximos dias”. Tire três dias de férias, fique em casa. Então era isso.

Você descobriu depois o motivo?

Não, nem quis ficar investigando meu patrão porque ele era tão bom por outro lado. Me deixava não assinar coisas perigosas. Porque essa figura estranha tem a ver com jornal também, o jornal denuncia coisas maravilhosas e faz chantagens. É isso, é um jornal que nunca foi uma empresa, então você vê que tem vantagens e desvantagens. Um jornal incrível, com coisas muito boas e coisas lamentáveis. Porque não era uma empresa, era o jornal de uma pessoa e refletia o temperamento daquela pessoa. Era o jornal do Hélio Fernandes, como tinha sido o jornal do Carlos Lacerda. A *Tribuna* nunca conseguiu ser um jornal coletivo. Por exemplo, por mais que haja uma pessoa que manda você não vai dizer... *O Globo* hoje é de quem? De uma porção de gente. É das Organizações Globo. O próprio *Jornal do Brasil*? É do Tanure? Talvez, talvez o *Jornal do Brasil* hoje esteja na situação desses jornais de antigamente. Um jornal pequeno que é de alguém.

Por trás desse alguém pode ter um grupo?

Evidente que tem. No caso de Carlos Lacerda não tinha, porque ele era muito personalista. O Carlos Lacerda, por exemplo, nunca foi udenista. No Rio, o udenismo é que ficou lacerdista. Ele nunca representou a UDN. Afonso Arinos, Adauto (Cardoso) e Mário Martins eram muito mais UDN do que o Lacerda.

Você viveu o golpe de 1964 na *Tribuna da Imprensa*?

Fiquei na *Tribuna* até 66. Quando fui para Brasília em 1964, fui com o Zuenir (Ventura), que era o chefe da *Tribuna*. E a *Tribuna* estava apoiando o golpe militar, totalmente. Eu, exatamente, estava querendo não só deixar a *Tribuna* como deixar o Rio. Estava com problemas pessoais meio complicados, problemas emocionais, aí o Zuenir Ventura, que era o meu chefe na *Tribuna* então, porque houve vários donos da *Tribuna* nesse

tempo. Foi o Hélio no começo, mas a propriedade da *Tribuna* mudou enquanto eu estava lá. O Sérgio Lacerda nesse tempo é que mandava. Era o Sérgio, exatamente, que era muito amigo do Zuenir e Zuenir assumiu a chefia e Zuenir era uma pessoa queridíssima minha, embora eu o tenha conhecido assim pouco na *Tribuna*, mas tínhamos amigos comuns. Zuenir sabendo que eu estava preocupada e eu estava trabalhando na *Tribuna* sim, mas também no *Panflete* do Brizola. Brizola tinha um jornalzinho, um tablóide chamado *Panflete*, cujo chefe de redação era o Tarso de Castro. Hoje a gente ri, mas ele era ótimo. Zuenir disse: "Eu vou a Brasília porque o Pompeu de Souza vai tomar posse como secretário de Educação de Brasília e me chamou para trabalhar com ele e eu estou com muita vontade porque eu adoro o Pompeu, você vai com gente? Quem sabe, Ana, você gosta de Brasília, quem sabe você também fica lá na secretaria de Educação. Vou assuntar". Fomos a Brasília de carro, o Hécio Martins dirigindo, Hécio Martins era muito amigo do Zuenir, por conta da Faculdade de Letras, que Zuenir tinha feito Letras, e o Hécio era professor. Foi meu professor na faculdade, ele substituiu Celso Cunha um tempo, uma pessoa adorável, morreu pouco tempo depois. O Hécio Martins no carro dele dirigindo, Mary, Zuenir e eu, e fomos para Brasília, eu acho que saímos daqui dia 30 de março. No caminho, botamos na rádio e diz assim: "manifesto do governador de Minas, Magalhães Pinto, contra a desordem do país". "Ih! que coisa chata, tira isso!". Tiramos e ficamos ouvindo música. Dormimos em Sete Lagoas e fomos para Brasília. Chegamos em Brasília lépidos e fagueiros, houve a posse do Pompeu e de noite, 31 de março, sessão noturna no Congresso. Vamos assistir! Fomos assistir à sessão noturna do Congresso. Quando eu cheguei lá, chegou o grupo todo junto, eu estava de calças compridas e era proibido entrar no Congresso, mulher tinha que ser de saia. Aí tem até o episódio da moça desaforada que quando disseram não pode entrar ela disse tudo bem e tirou e entrou com a blusa fazendo de mini vestido. Eu disse: "Bom, vocês entram e eu vou em casa". E perguntei: "será que tem táxi aqui?". Veio um senhor e disse assim: "você vai para onde? Eu contei logo minha condição de jornalista. Ele disse: "Jornalista do Rio aqui em Brasília hoje? Eu lhe deixo lá". Entrei no carro do cara. Ele disse assim: "você está sabendo o que está acontecendo?". "Não, a gente está ouvindo rumores". "Minha filha, não sei qual é a sua, mas se

mande se você tiver alguma coisa que ver com o governo João Goulart". Até hoje eu não sei quem foi esse cara. Não tive coragem de perguntar o nome dele. "Se mande, o governo caiu". "Mas não foi isso que eu ouvi lá". "Claro! O pessoal está mascarando, mas o governo caiu". Me deixou na casa onde estávamos hospedados, casa do amigo do Zuenir, jornalista também. Eu troquei de roupa e fui para o Congresso. Cheguei lá, encontro Aldo Arantes no hall: "Ana, o que você está fazendo aqui?". "Oi, Aldo. Aldo, eu acabei de ouvir que o governo caiu". "Conversa! Isso é boato". Fui para a sala de imprensa e encontro o pessoal do *Jornal do Brasil* que me conhecia e confirmaram: o governo caiu. Eu percebi que as pessoas estavam confusas em Brasília. Aí eu fui lá para a tribuna, encontrei meus colegas de viagem e ficamos assistindo à sessão. Gente! Eu queria ter filmado aquela sessão. Por mais que eu conte eu devo estar esquecendo ou inventando coisas. Francisco Julião pediu a palavra, aí, imediatamente, um outro deputado começou a ridicularizar: Primeira vez que temos a honra de ter o Sr. Francisco Julião aqui, o que está acontecendo nesse país? E o Julião fez um discurso inflamado sobre os camponeses e coisa e tal. O Doutel de Andrade, que era o líder do governo, pediu a palavra. Doutel estava falando e o Adauto Lucio Cardoso, não esqueço da cara do Adauto, pediu aparte. Pediu duas vezes: "Ilustre deputado, Adauto Cardoso pede um aparte a sua senhoria". "Não dou, não dou aparte a udenista nenhum", disse o Doutel de Andrade. Eu estou rindo, por quê meu Deus? é uma tragédia, mas a gente tem que rir depois de muito tempo passado. Adauto insistiu, o Doutel disse: "Meia-noite, muito bem, já é primeiro de abril, a partir de agora o senhor pode dizer o que quiser". O Adauto disse assim: "Eu queria dizer ao meu ilustre colega e a todos os membros do PTB presentes ao Congresso que o General Amaury Kruehl já aderiu ao movimento iniciado por não sei quem e bla-bla-bla e que o presidente João Goulart está voando para o Uruguai". Nós nos levantamos e fomos embora para apurar o negócio. Toca a telefonar, não se conseguia falar com o Rio. Olha que loucura! No dia primeiro de manhã, não sei o que Mary foi fazer, Mary saiu, eu também, e eu fui ao sindicato pegar atestado para ter 50% de desconto na passagem. Todo jornalista tinha 50% se o sindicato desse atestado. Quando eu entro no Sindicato dos Jornalistas estava tudo vazio, eu abro uma porta, tem quatro homens que dão um pulo da cadeira quando

eu abro a porta. Eu conhecia dois. Era o Mesplé e o Pinto, enfim, dois dirigentes, um dos quais era o Mesplé que eu conhecia bem. Eu sabia que ele era do Partido Comunista, que era um dos líderes comunistas. "Ana Arruda, o que é que você está fazendo aqui hoje?". "Eu vim aqui buscar atestado para passagem". Eles começaram a rir de mim. "Ana, Jango já foi embora, o Darcy está fazendo uma farsa, pegou o cardeal de otário, botou o cardeal ao lado dele e está fazendo discurso para fazer fumaça para o Jango chegar no Uruguai. Jango já deve ter pousado no Uruguai e nós estamos aqui discutindo como vamos fugir do país". O outro disse assim: "não, mas vamos dar o papel para ela". Me deram o papel e disseram para eu me mandar para o Rio. Cheguei na casa, fiz a minha mala e chegam Mary e Zuenir, eu digo: "gente, a UNE foi incendiada, os tanques já entraram e já cercaram o Rio e aqui em Brasília vai começar o cerco também. Eu vou viajar". Quando eu disse isso a Mary Ventura caiu no chão. Nós ficamos espantados, se alguém tinha que desmaiar aqui era qualquer pessoa menos Mary. Mary era a fortuna do grupo, que não tinha medo de nada. Eu sempre mexo com Mauro Ventura: "Mauro eu conheci você muito antes de seus pais saberem que você existia". Se descobriu porque a Mary tinha fragilizado, ela estava grávida do Mauro. Descobrimos quando voltamos ao Rio. Foi um horror. Quando chegamos no aeroporto a gente já passou pelos tanques passando para invadir a universidade. A gente ouvia tiroteio. Olha, dava vontade de ficar, mas ficar para quê? Eu disse: "Meu deus do céu nós estamos indo embora, tudo aqui está acabando e nós estamos indo embora". Claro! A gente tinha que ir, não é? Quando chegou no Rio, eu me lembro que tinha conseguido ligar para um amigo meu, Léo Vitor, ele estava no aeroporto. Eu perguntei como estavam as coisas: "quem não sumiu, está preso". Léo me levou em casa e eu soube que a sede do *Panfleto* tinha sido invadida, foi o CCC - Comando de Caça aos Comunistas, eles chegaram na sede do *Panfleto*, que era o jornalzinho de Brizola, arrebentaram tudo e queimaram. Então, aquele fichário foi queimado, foi uma sorte imensa da gente. Mesmo assim o Tarso de Castro tinha fugido. Brasil é Brasil. Brizolista número 1, o Tarso foi para casa e com a solidariedade de família e regional, ele ficou escondido na casa do governador do Rio Grande do Sul, que era absolutamente a favor do golpe. Mas era amigo do pai dele. Meneghetti, se não me engano que chamava.

Onde o Tarso ficou até conseguir ir para o Uruguai. Quando eu cheguei no Rio, eu disse: "acabou o mundo, o que é isso?". Nós éramos tão mal informados, tão otimistas. Você viu por essa história – estávamos em Brasília, festejando - que aquilo foi um balde de água fria, uma cacetada na cabeça. Então, aquele desespero para gente saber o que ia fazer. Mas continuei a trabalhar na *Tribuna*, até que fui para o *Diário Carioca*.

E qual fica sendo a situação da *Tribuna da Imprensa*?

A *Tribuna* estava apoiando inteiramente o golpe militar, e eu quietinha, mas é aí que vem o negócio bom do Hélio. Eu fazendo matéria sobre praia, coisa que não tinha nada a ver com nada. Depois continuei na Economia, metendo pau no Roberto Campos e coisa e tal. Nos primeiros dias não, ninguém sabia o que ia acontecer. Deu aquela estabilizada porque o governo Castelo Branco era um governo muito estranho. O pessoal dizia que não havia violência. Uma conversa! Não havia contra a classe média. Nós estávamos bem com Castelo Branco. Gente, como dizia meu marido, que come três vezes por dia e dorme no lençol limpo, esses estavam bem. Mas o pessoal das ligas camponesas foi massacrado. O pessoal dos sindicatos foi massacrado. E o pessoal do Partido Comunista também, quem era comunista de carteirinha foi muito perseguido, houve muita tortura, ainda com Castelo Branco. Mas pessoas bem pensantes e bem vestidas não eram presas, nem torturadas. Depois é que a coisa engrossou, depois de 1968, não havia mais discriminação, todo mundo levava.

Já nesse início do governo Castelo Branco, o Márcio Moreira Alves, então jornalista do *Correio da Manhã*, fez as denúncias de tortura ocorridas em Pernambuco.

Lançou o livro dele, *Torturas e Torturados*. O lançamento do livro do Márcio seria impensável depois de 1968. Só que o lançamento do livro dele é um episódio interessante porque estava marcado o lançamento, eu fui, todo mundo foi, o pessoal da esquerda, que estava contra o golpe. O lançamento ia ser numa livraria, não me lembro qual era, mas era muito perto do Forte de Copacabana. O comandante do forte disse assim: "se houver esse lançamento aqui eu baixo lá, quebro a livraria e prendo todo mundo". Então a gente ia chegando e diziam: sai, sai, sai, que agora vai ser não sei onde.

Arrumaram outra livraria bastante afastada do forte, nós fomos para essa outra livraria e houve o lançamento. O comandante do forte queria bater e matar e quebrar mas, na realidade, a situação ainda permitia lançamento de um livro desse chamado *Torturas e Torturados*. O general Geisel foi a Recife, viu que tinha tortura, mas fez um relato oficial dizendo que não tinha.

Ana, as dificuldades do Hélio Fernandes, da *Tribuna da Imprensa*, com a ditadura quando é que começam?

Com o início da Frente Ampla. O Lacerda estava certo de que ia ser o candidato dos militares à presidência. Ele sempre quis a presidência. Quando o Castelo Branco disse nem vem que não tem, que a gente não vai largar essa história agora, principalmente para um doido como você, ele ficou na oposição, tentou fazer a Frente Ampla, procurar Juscelino e tal. Chegaram a formar a Frente Ampla e a Frente Ampla era um perigo medonho. Como disse outro dia o Villas-Bôas Corrêa num depoimento, eram 90% do eleitorado brasileiro: Lacerda, Juscelino e Jango juntos. Então, eles tinham que fazer o "golpe" de 1968, senão a ditadura ia cair ali. A Frente Ampla derrubava a ditadura se não houvesse o AI-5.

Em seguida você foi para o *Diário Carioca*?

Diário Carioca. Aí já foi o Zuenir (Ventura)... teve um tempo que era o Odylo, onde ele ia me chamava, depois foi o Zuenir. Zuenir foi chamado pelo Prudente de Moraes Neto para dirigir o *Diário Carioca*, porque o Horácio de Carvalho tinha reassumido, eu acho que tinha reassumido ou assumido, sei que era o Horácio de Carvalho que mandava no *Diário Carioca* e eles queriam tentar que o *Diário Carioca* voltasse a ser o jornal luminoso que foi antes do *Jornal do Brasil*. Antes do JB, o jornal mais charmoso, mais bem-feito do Rio de Janeiro era o *Diário Carioca*, que eu não lia, mas, engraçado, que essa minha colega, Maria Amélia, que já citei que estava comigo no dia do suicídio de Getúlio, o pai dela lia. Eu ficava curiosa: "Por que seu Carneiro lê esse jornal diferente, que eu nunca tinha visto lá em casa?". Eu dava um olhadinha, mas eu lembro que ele ficava fascinado e dizia: "Minha filha, os artigos de fundo do Macedo Soares são uma coisa, você tem que ler". Era aquele jornal que tinha esse prestígio. Zuenir me

chamou. Ele e o Prudente resolveram que tinham que fazer uma renovação: e que tal chamar uma mulher para dirigir uma reportagem? O Prudente adorou a idéia, achou formidável e lá fui eu. Era um desafio, porque você ser uma boa repórter é uma coisa, mas ser chefe de reportagem é outra. Aí pesou ser mulher mais do que quando eu era repórter, porque homem não quer ser mandado por mulher. 1966, por aí. Ainda por cima que o *Diário Carioca* tinha caído muito de qualidade, então, já não tinha mais aquelas figuras mais intelectuais. Os repórteres lá eram aqueles repórteres bem.. quase de cuspir no chão. Gente meio rude. Eles ficaram enfurecidos. O pessoal da chefia me prestigiava muito e os estagiários me adoravam. Os velhos repórteres me odiando, com exceção do Fabiano Vilanova. Fabiano já era repórter, já era um repórter bem curtido mas ele foi fantástico comigo. Os outros não, os outros eu achava a maior antipatia.

Você foi a primeira mulher chefe de reportagem no Rio?

Creio que sim, a primeira chefe. Tem até o episódio do Naum Sirostsky. O Naum era muito irreverente, meio abusado. Gostava muito de mim, a gente já tinha estado muitas vezes juntos. Um dia, eu estou almoçando com o pessoal do *Diário Carioca*, a gente almoçava sempre ali no Dirty Dick, SB 9, rua São Bento, 9. Eu estou lá, sentada de costas para a parede, de frente para a porta, quando entra o Naum com uns 3 ou 4 jornalistas ao redor dele. Entra e vai direto assim para mim: "Ana Arruda, levante!". Eu disse: "O que é isso, Naum?" "Levante porque eu quero te dar um beijo, porque eu nunca beijei um chefe de reportagem". Caímos nos braços um do outro. Era uma coisa rara, extraordinária. Isso o *Diário Carioca* usou até para fazer promoção, propaganda. Propaganda de televisão. Mas durou pouco porque nós não conseguimos aquilo que o Horácio pretendia. Conseguimos aquilo que se chama sucesso de estima. Todos os jornalistas encantados ou escandalizados. Eu me lembro que uma vez Zuenir botou um título na primeira página que era: "Brigitte Bardot, doa a quem quiser". Todo mundo achou uma coisa botar isso na primeira página do jornal, com a ditadura. A coisa foi indo e o Horácio desistiu do jornal, aí o Zuenir disse que ia sair e quem ia assumir era o Maurítônio Meira, e que ele queria que eu ficasse. "Fique aí para gente ver o que vai acontecer". Eu fiquei quieta no meu canto mas achando que não ia ficar no jornal. Maurítônio chegou e me chamou

para conversar. “Ana, eu quero muito que você coopere comigo, você vai adorar meu projeto de jornal. É um jornal dirigido às mulheres, porque nunca teve um jornal dirigido às mulheres. Não um jornal feminino, mas com todo o noticiário, mas dirigido às mulheres. O que eu penso: por exemplo, um governador eleito, a gente entrevista a mulher do governador e não ele”. Começou a falar umas coisas e eu pensando comigo: isso não vai dar certo. Falou, falou e eu disse: “Olha, Mauritônio, você me dá uns dias para pensar?”. “Claro, minha querida!”. Saí da sala dele e fui trabalhar, distribuir tarefa, reportagem, quando toca o telefone na minha mesa da chefia de reportagem. Era um rapaz que eu não conhecia e me esqueci o nome dele também, mas que eu o conhecia de nome, sabia que era um jornalista respeitado, digamos assim. “Ana, eu sou fulano de tal e estou lhe telefonando meio constrangido, mas eu estou desempregado há um bocado de tempo e o Mauritônio Meira me chamou para ser chefe de reportagem do *Diário*, eu adorei, fiquei todo contente, mas quando falei com alguns amigos, eles disseram que você era a chefe de reportagem, então, eu não sei o que fazer”. “Eu sei. Você venha aqui hoje de tarde, eu lhe passo todo o trabalho e esvazio a mesa para você”. Ele foi e eu assim fiz. Eu tinha acabado de sair da sala do Mauritônio. É incrível, não é? Assim eu saí do *Diário Carioca*. Ele sem graça, coitado. Foi convidado, estava precisando do emprego, o que eu ia fazer num jornal depois de fazerem isso comigo?

Ainda sobre o *Diário Carioca*, como era o Prudente de Moraes Neto?

Uma maravilha. Eu não conhecia Dr. Prudente e tinha aquela reserva. Dr. Prudente tinha sido um dos articuladores civis do golpe militar, era aquele udenista enrustido, conservador... Com ele aprendi que você pode ser um conservador bastante consciente e ser uma pessoa maravilhosa. Ele era uma pessoa honesta e ao mesmo tempo um intelectual formidável. Ele achava Jango um horror, achava Getúlio um horror. Era o pensamento dele e queria derrubar João Goulart e botar a UDN no poder. Era o que a UDN sempre quis e nunca conseguiu. Eu comecei a conviver com Dr. Prudente e ver a figura interessante que ele era. Primeiro, como intelectual, como homem, aberto para diversas manifestações culturais, um homem que gostava de samba, sambistas, tinha amigos sambistas. Mas não tive tanto contato com ele. Meu grande contato com Dr. Prudente foi depois, quando

eu precisei. Eu fui uma presa tardia, eu fui presa em 1973, não usava mais ser presa, sempre digo que sou meio retardada. Tive uma prisão dura, sobre a qual não gosto de falar, nem vou falar porque foi muito dura. Eu sempre digo que foi nojenta, teve um aspecto nojento que eu não gosto de lembrar. Foram 42 dias de Doi-Codi e 8 de quartel. O processo demorou, quando estava se aproximando o julgamento meu advogado disse: "Olha, a melhor coisa nesses casos no tribunal militar é a gente ter cartas de pessoas que eles respeitem. Você pega pessoas que gostem de você e pede carta". Eu fiz uma lista mais ou menos, uns foi um desastre terrível. Fui na Light, ele era diretor da Light... Dr. Prudente me recebeu de braços abertos. Eu disse: "Dr. Prudente, é assunto chato". Você não sabe como é horrível pedir uma cartinha para dizer que você é uma boa moça para apresentar no tribunal militar como prova de que você não é uma terrorista perigosa, que queria matar todo mundo. E pedir a um udenista e golpista. "O que você quer de mim?" "Preciso de uma carta dizendo que o senhor me conheceu, trabalhou comigo no *Diário Carioca*, se o senhor acrescentar que eu fui uma excelente funcionária no *Diário Carioca*, melhor ainda". "E quem vai lá no tribunal depor a seu favor?" Era preciso duas testemunhas. "Não sei, Dr. Prudente, é uma coisa muito pesada para pedir a alguém". Eu realmente estava em pânico, sem saber a quem pedir. Ele disse: "Eu vou". Quando ele disse isso, olha, fiquei parada assim: "O senhor vai?". "Vou. Não vou lhe dar cartinha nenhuma, eu vou lá fazer o depoimento". E foi uma maravilha, no dia do julgamento, na minha parte - eu fui julgada com um monte de gente - que entra o Dr. Prudente, elegantíssimo, de bengala, com aquela carinha, cabelos brancos, o major só faltou desmaiar. Eles sabiam, mas acho que não prestaram atenção. Quando anunciaram Dr. Prudente de Moraes Neto, o major só faltava sair da cadeira dele para o Dr. Prudente sentar. Para minha sorte, também a promotora era burra, ela me chamou de outra coisa: "O senhor conhece fulana de tal?". Ele respondeu: "Eu não sei, o que a senhora, com todo o respeito, está me perguntando, mas se é sobre aquela moça que está ali, conheço muito. Ótima jornalista, uma mulher formidável. É sobre ela que a senhora está me perguntando?". Aí a promotora já ficou completamente desconcertada, enfim, foi um depoimento maravilhoso.

Qual era a acusação?

Terrorismo. Eu era de um grupo terrorista que tinha feito assaltos. Era uma coisa grande porque, na realidade, eu tinha colaborado com uma organização pequena e, como eu direi, incompetentíssima. Eu sempre falo isso e parece que estou me desculpando. Ao contrário, estou me penitenciando. Eu tinha um certo remorso, tanta gente tinha se arriscado, sofrido, aí, o primeiro cretino que chega para mim e pede ajuda, porque era um cretino, não vou dar o nome porque eu estou chamando ele de cretino e ele era, coitadinho, já morreu e sofreu muito na prisão, tive acareação com ele mais de uma vez, sofreu muito, coitado. Mas era uma pessoa da maior incompetência. Ele fez realmente um pequeno grupo que terminou sendo condenado e fez realmente uma porção de besteiras. Quando eu disse a ele que ia fazer besteira, ele disse que eu era um perigo porque gente assim que vacilava é que era um perigo para as organizações. As acusações sobre mim eram falsas simplesmente porque eu não tinha entrado em nenhuma das ações. Eu nunca tinha pegado numa arma, nunca tentei matar ninguém e nunca assaltei coisa nenhuma. Minha maior subversão foi bem anterior a essa, ninguém soube, nem antes nem depois, eu falei isso muito tempo depois, que foi ajudar na guerrilha de Caparaó. Eu arranjava dinheiro para o Bayard Boiteux mandar para os meninos lá em Caparaó. Eu ajudava fazendo rifa, vendendo coisas. Nunca na vida pegando numa arma. Mas essa não descobriram porque o Bayard nunca disse. Essa segunda coisa foi uma história furada, tola, eu não me arrependo porque fiz com boa intenção, mas foi a chamada burrice, foi uma coisa burra. Inclusive, Callado me advertiu: "Ana, eu não sei de pessoas que tenham alguma coisa com esse rapaz, mas não faça isso não porque ele é um completo desastre".

E aquele episódio em que você levou os desenhos da tortura para o *Correio da Manhã* publicar?

Aquilo foi antes, foi em 1966, me parece. Eu era muito amiga do pessoal da Ação Católica e da AP (Ação Popular). Eu fui da Ação Católica por muito tempo e a AP nasceu da Ação Católica. Era um pessoal católico mais progressista que fez a AP, a Ação Popular. O Betinho (Herbert de Souza) era um dos fundadores, tudo o mais. Cosme Alves Neto, que é uma pessoa queridíssima, meu irmão, e a Isa Guerra, que era a namorada dele, os dois

eram da AP, militantes. Ajudaram o cabo Anselmo a fugir da prisão, antes da traição, de todo mundo saber quem era o Anselmo. Foram presos os dois, uma semana antes do casamento deles, do qual eu era madrinha, e o padrinho ia ser o padre Alípio de Souza, uma figura. Outro dia me disseram que ele ainda está vivo. Tenho muita vontade de encontrar o Padre Alípio. Alípio, porque ele não é mais padre. Padre Alípio é único caso que conheço em que ele quebrou o pau-de-arara, onde estava pendurado e bateu com o pau nos guardas. Depois sobrou porque era um homem fortíssimo, ficou no hospital uns 3 meses todo quebrado, todo arreventado. Saiu da cadeia e ficou inteiro. Bom, Padre Alípio, que era da Ação Popular, mas era o lado agressivo, e eu íamos ser padrinhos e os dois foram presos. Foi uma coisa terrível porque Cosme ficou sumido, nós não sabíamos onde ele estava. A mãe de Isa veio da Paraíba e conseguiu descobrir. Ele estava numa prisão da Marinha com água no tornozelo, isso há um mês já, ficou doente, ficou péssimo. Foi horrível a prisão de Cosme. E Isa estava, nessa ocasião, já na Polícia Central, que era um refresco, já podia receber visitas. Aí, eu vou visitar Isa, um grupo grande, era horário de visitas, e Isa com o jeito dela calmo, Isa nunca se abalou. Uma pessoa sem medo, acho que ela é doida. Uma pessoa sem medo é doida, eu acho. A Isa: "Ah, Ana querida... você leva essa revista aqui para mim e entrega no *Correio da Manhã*, na redação, a quem você encontrar lá no *Correio da Manhã*, qualquer um, não tem destinatário não". E me entrega a *Manchete* dobrada assim e eu ponho debaixo do braço, na hora que a gente ia sair, nos despedindo. Bom, eu não sabia o que tinha dentro dessa *Manchete*, mas não podia ser santinho de primeira comunhão, não é? Ninguém sai da prisão com revista. Você entra na prisão com revista, se os presos já podem ler, você leva revista para eles. Mas sair da prisão com revista, se houver algum guarda com qualquer miolo dentro da cabeça, eu vou ser presa na saída, é claro! Desci aquela escada grande, da rua da Relação. Era perto do *Correio da Manhã*, fui andando. À medida em que eu ia andando, a minha perna ia fraquejando. Eu pensei: não posso fraquejar, tenho que andar, não posso sair correndo, não posso parar no meio da rua, tenho que andar pausadamente. Eu fiquei com muito medo. Quando cheguei no saguão do *Correio da Manhã* deu aquele alívio, mas ainda fiquei meio assim, eu não sabia o que tinha ali. O *Correio da Manhã* estava publicando coisas, publicou a saída do Brizola,

declaração dele. O *Correio da Manhã* tinha passado para a oposição. Quando chego na redação, perguntei por dois ou três que eu conhecia lá, mas não tinha. O cara disse: "O que é?". "Eu trouxe isso aqui da Isa Guerra". "A gente estava esperando". Quando eu entreguei, que ele abriu, disse: "Que maravilha!" Eram, simplesmente, desenhos com indicação de todo o local de tortura do Cenimar da Marinha. Na Marinha se torturou barbaramente. O Cenimar foi um centro de tortura pavoroso. Ainda tem que se escrever a história no Cenimar. Eu tenho uma amiga que foi torturada lá e reconheceu um dos torturadores. Era um menino com quem ela tinha ido à Europa, porque os pais eram amigos. É pior do que a tortura você ver aquela cara ali. Rapazes de boa família eram torturadores. O *Correio da Manhã* publicou na primeira página. Eu fui para casa. Já imaginou eu sendo apanhada com aquilo?! Meu anjo da guarda é bom, mesmo com os horrores que eu passei, meu anjo da guarda é bom. O coronel Fiúza de Castro, hoje general aposentado – que eu adoraria que morresse pessimamente, mas vai morrer tranqüilamente, tenho certeza, não há justiça nesse mundo – ele me disse olhando para minha cara, ele gostava de me visitar para me dar um certo medo: "Ana, se você sair daqui você vai sair louca, isso é uma promessa que eu lhe faço". Ele ia à minha cela para dizer isso. Eu acho que não fiquei doida não, meu anjo da guarda até lá me segurou.

Ana, vamos falar d'O Sol?

Vamos, *O Sol* é bom, vamos acabar com coisas sombrias. *O Sol* agora!

Como surgiu O Sol?

O Sol foi todo gerado na cabeça do Reynaldo Jardim. Eu gosto de dizer que é o filho que nós tivemos juntos, o Reynaldinho, porque eu o criei mas na verdade ele gerou tudo sozinho. É idéia dele, absolutamente. Reynaldo Jardim é um dos grandes inventores que o jornalismo brasileiro teve. Para começar ele não era jornalista, ele era professor primário, um dos poucos homens professor primário que eu conheci, e poeta. Ele tinha uma capacidade de invenção formidável. Ele entrou no Jornal do Brasil, a Condessa amava Reynaldo e com razão porque ele é uma pessoa para se amar mesmo. No Jornal do Brasil ele criou o Caderno B, o Suplemento Dominical e, antes, reformou a rádio. Ele trabalhou na rádio antes do jornal.

Tudo que hoje se considera rádio moderna foi o Reynaldo que inventou. O locutor: "Senhoras e Senhores, estamos agora ouvindo... de Tom Jobim, Chega de Saudade". Clean. A estética Bossa Nova, Brasília. Uma rádio clean, a Rádio Jornal do Brasil ficou uma rádio fantástica exatamente com ele, com a reforma de Reynaldo. Ele vivia fazendo coisas, reformando jornal. No Jornal dos Sports - não sei como ele entrou - ele inventou um suplemento chamado Cultura JS, com saudade do SDJornal do Brasil, ele fez o Cultura JS. Como era feito o Cultura JS? Foi um mini Sol. Na casa de Reynaldo, a mulher dele que nunca assinava nada, Edelvaz - Vazinha, como ele chamava - que era uma mulher inteligentíssima. Ele, Gullar, Oliveira Bastos, Vera Pedrosa e eu. Toda semana a gente se reunia, fazia a pauta e entregava as matérias. Reynaldo diagramava sozinho e o suplemento saía. Era um luxo. Com esse suplemento o jornal começou a ganhar um charme que não tinha. Era só um jornal de esportes que, como a sessão de esportes nos outros jornais estavam aumentando, o Jornal dos Sports estava minguando, estava para se acabar. Ele inventou o cartoon JS, que foi uma farra porque foi o primeiro suplemento só de cartoons. Todos os cartunistas do Rio, que são muitos e muito bons, tiveram um veículo. Ele deu à direção do JS a idéia de fazer uma escola de jornalismo, de fazer um jornal escola e a partir daí criar uma escola de jornalismo porque as escolas de jornalismo estavam começando a aparecer, tinha pouca, não era essa loucura que agora em cada esquina tem uma. A idéia era fazer ao contrário: em vez de uma escola que faz jornalzinho, a gente faz um jornal que é escola e depois institucionaliza a escola. Eles acharam uma idéia interessantíssima, principalmente, o genro da dona Célia Rodrigues que era então proprietária do jornal, que era o José Guilherme Padilha. O José Guilherme topou a idéia e o Reynaldo começou então a armar o jornal. Me chamou imediatamente e nós juntos começamos a pensar nas pessoas e ele a escrever como devia ser. Escrevendo a la poeta, escrevendo pouco, com frasezinhas, o negócio dele não era nada de tratado não, era enxuto. Fizemos a redação e bolamos isso: o jornal teria 10 editorias com 10 profissionais e cada profissional teria 4 ou 5 estagiários estudantes, que a gente chamaria de alunos no seu grupo. Um jornal pequeno que não escravizasse os repórteres mas que cobrisse tudo. Chamamos Zuenir para chefia de reportagem, eu ficaria com a chefia de

redação e Reynaldo ficaria fora com a superintendência. Fazer mesmo seria o Zuenir, eu, na chefia de reportagem, Estela Laster na editoria de cidade e por aí foi. Eu não me lembro de todos os nomes. Eu fiquei encarregada de convidar Gabeira, Fernando Gabeira para a editoria nacional. Telefonei para o Gabeira, eu conhecia ele desde o tempo do Panfleto. Ele fazia o Panfleto ao meu lado, a gente fazia um espécie de resumo da semana, ele fazia internacional e eu nacional. Telefonei e disse que tinha uma proposta para fazer e combinamos de nos encontrar. Nos encontramos ali na rua Montenegro, hoje Vinícius de Moraes, no Pizzaiolo. Falei, falei e falei e ele ficou olhando, olhando: "Amiga, é uma boa idéia, bonita, mas eu não estou mais para aventura não". Pensei: cadê aquele rapaz ousado que eu conhecia? "Minha família em Minas tem fazenda, estou com vontade de voltar para Minas, pedi até uma licença do Jornal do Brasil, mas não pretendo voltar não, estou querendo sair do Rio. Não quero não". Eu disse: "Realmente isso não era um emprego, é uma aventura porque pode acabar logo". Ele não quis e eu fiquei tão desgostosa, tomamos mais uma, duas ou três caipirinhas e depois fomos andando por ali, Ipanema. Eu numa tristeza de dar dó. Tomamos um cafezinho e nos despedimos. Saí e pensei: gente, o Gabeira não topou, virou burguês, o que eu faço com o Gabeira? Tudo bem, fomos em frente. Claro que ele já estava planejando o sequestro do (embaixador Charles) Elbrick. A paz e a riqueza que ele queria era a barra pesada que ele arrumou para ele. Mas aí chamamos o Tarso de Castro que estava voltando do exílio desempregado. Fizemos um grupo bom que resolveu duas coisas: primeiro nos íamos fazer um seminário na casa de Friburgo de Reynaldo Jardim onde íamos fazer o desenho do jornal, o projeto. Foi aí que o Zuenir foi maravilhoso. Reynaldo disse: "não tem nada de lide e sublide, vamos fazer como história em quadrinhos, um título bem assim e depois continua a história, vamos contar a história como se conta a história, como O Dia faz, como história em quadrinhos faz". Aliás, O Dia agora não faz não, faz tudo igual. Reynaldo bolou o negócio das páginas divididas em 4. Zuenir foi para máquina de escrever, pegou dois, três jornais daquele dia, e fez o protótipo de como o Sol daria as notícias. Ele fez o modelo da matéria em quarto de página, a matéria em duas colunas, a matéria em uma coluna. Só tinha esses formatos. Precioso. Um dia eu contei isso e Zuenir disse que tinha esquecido isso. Uma das coisas mais

bonitas que ele já fez na vida, como pode esquecer? Fizemos o seminário e depois um curso que era na Cândido Mendes. O Cândido Mendes nos emprestou e a gente fazia um curso. O Carpeaux da aula, eu dava aula, o Zuenir dava aula. Aí começaram duas coisas. Uma foi a desistência de Zuenir, que deu duas aulas memoráveis, ele é um excelente professor mas ele desistiu. Saiu, foi procurar um bom emprego, do que ninguém pode reclamar. Segunda baixa foi o Tarso que no dia da aula dele não foi. Ele achava que esse negócio de dar aula era uma besteira. Mesmo assim mantivemos o Tarso e começou o jornal. Tarso no primeiro ou segundo dia ele já foi sei lá o quê. Zuenir saindo, eu fiquei como chefe de redação no lugar que seria dele. Tarso: "Pô Ana, qual é? Nessa altura da vida!" "Nessa altura da vida sim! Você tem que se enquadrar sim. Isso aqui é um jornal escola portanto nós temos que dar exemplo aos meninos, você não pode ter essa liberdade toda maravilhosa. É bom para gente ir lá no Casagrande, para gente ir lá na escola de samba mas aqui no trabalho não". Depois eu disse: "então tudo bem, você vai embora". Ele ficou... Gente, eu só demiti duas pessoas na minha vida! Uma, o meu querido Tarso. Adorava Tarso. Ele disse: "Você está brincando, você não está me botando para fora". Eu disse: "Estou. Estou dizendo para você se desligar, vou saber com a direção do jornal se você tem alguma coisa a receber". "Eu não quero coisa nenhuma. Não quero receber nada". "Então melhor ainda, você já recebeu o mês passado. Tudo bem, você não vai ficar mais no grupo não". Ele disse: "Você vai se arrepender disso Ana Arruda". Passa-se um tempo, um mês, dois, o jornal já estava saindo, eu entro no Casagrande, exatamente para um show, estava numa mesa o Tarso com a garrafa de uísque debaixo da mesa, um copão de uísque. Ele estava com duas pessoas e disse: "Ana Arruda, essa mulher que me demitiu". Eu disse: "Foi Tarso, você fez por, não é?" "É, mas agora você podia me compensar, se sentar aqui, me dar um beijo e tomar um uísque comigo não é?" Assim acabou a briga.

Ana, quem era a equipe do Sol?

Reynaldo, tinha os dois conselheiros, uma coisa que inventamos e que eu acho um luxo absoluto. Eram pessoas que não tinham posições definidas a não ser instruir, eram os professores de fato. Os gestores todos tinham que ter mentalidade de professores, mais eles dois. Era o Otto Maria Carpeaux e

um psicólogo que morreu pouco depois, o Sergio Lemos. Então, o Sérgio Lemos e o Carpeaux tinham como função percorrer a redação e ver cada matéria, quem estava fazendo. Primeiro perguntava: qual é a pauta? Quem está fazendo o quê? Eu dizia mais ou menos, eles iam de editoria em editoria ver mas era todo mundo junto ali. Eles diziam: Você está fazendo uma matéria sobre... foi um assassinato que houve, você está fazendo uma matéria de polícia, é complicado esse negócio de polícia não é? Como você vê isso? Aí o Sérgio Lemos falava um pouco sobre o problema comportamental, sobre o problema de violência e a matéria já ia muito mais interpretada, mais embasada. O Carpeaux via toda a parte política e internacional, sabia tudo. Dizia assim: houve um problema, coisa e tal, é a guerra de libertação de Angola, por exemplo, mas você sabe a história de Angola? Tem que saber. Explicava tudo para o repórter redigir a coisa com tranqüilidade. Tinha esses dois. Reynaldo que a gente chamava de superintendente ou as meninas, de brincadeira, chamavam de papai. Mas que na hora da diagramação ele assumia. O bom dele, era bom em tudo, mas na diagramação, ele era o chefe da turma de diagramação, ele fazia a diagramação. E os editores Carlos Heitor Cony, que eu esqueci de citar, ele foi fundamental. Dois fundamentais que não citei: Carlos Heitor Cony, que fazia a parte de polícia, e Cony transformou a polícia toda em folhetins. Os meninos se divertiam. A notícia toda apurada certa, mas a maneira de redigir era de folhetim, e Martha Alencar, que era de espetáculos, que a gente chamava de *features*. Quando eu hoje implico com a coisa americana digo: ai meu deus, no jornal que eu era chefe a gente chamava editoria de *features*. Eu diria que quem mais deu a cara d'O Sol foi a Martha Alencar no decorrer da saída do jornal. O que é a cara d'O Sol? Aquilo que aparece muito no filme. O Sol ser frequentado por Caetano, por Bethânia, por Gil, porque a Martha tinha essa interação com esse pessoal e cobria esse tipo de coisa. Estava inteirada naquela época com o que era mais novo, mais bacana. Martha Alencar. Era quem me dava mais trabalho porque a editoria dela só tinha meninos malucos. Quem queria fazer negócio de artes e espetáculos já viu, não é? Achavam que ter horário era um horror, era uma caretece e lá ia eu obrigar a ter horário, ou melhor, fechar. Mas era fantástico! Ela criou as dicas que depois o Pasquim adotou mas foi Martha, no Sol, que criou. Uma grande alegria da gente foi o Galeno de Freitas,

outro que já morreu. O Galeno foi um dos meninos, dos repórteres, mas o Galeno tinha já um cultura bastante maior do que a maioria dos meninos e quando saiu um dos editores, que não lembro qual foi, resolvemos não chamar ninguém de fora e pegar o Galeno e botar de editor e foi maravilhoso. Nós já tínhamos formado um editor. Galeno de Freitas. Foi um tempo maravilhoso!

Qual o período d'O Sol?

Final de 1967, quase 1968. Estava começando a engrossar, o regime estava endurecendo, mas ainda era possível um jornal irreverente, crítico, etc.

Você se lembra dessa irreverência d'O Sol nas manchetes, nas matérias?

São tão repetidas que são as mesmas. Eu me lembro que "FMI é o FIM" ia ser a manchete principal porque dava certinho. A gente fazia aquelas manchetes redondas para caber num quarto de página. Mas, nesse momento, a gente já estava com uma certa intervenção exatamente porque ia ter a reunião do FMI aqui e começou muita caricatura, contos e era a grande luta da UNE na ocasião. Era a contra a reunião do FMI aqui. Agora o FMI é nosso amigo, claro. Que horror! Então, foi um pedido já da direção, quando mudou nosso editor de economia, veio uma pessoa de fora que, aliás, nós achávamos que era um monstro, um policial que ia nos dedar todos mas afinal era um rapaz ótimo. Mas só que era amigo dos diretores da casa que achava que a gente punha em perigo, e punhamos mesmo, as finanças da empresa, o Jornal dos Sports. Ai a gente recuou e ficou uma manchete de dentro mas saiu: "FMI é o FIM". Então, as coisas eram assim. Agora, de vez em quando, a gente errava. Por exemplo: Reynaldo não sabia nada de esportes e um dia teve um jogo em que um jogador do Fluminense fez misérias e ai ele gostou do nome, eu acho que era Samarone e colocou lá: "Samarone é o ídolo". Esse rapaz nunca mais jogou tão bem. Nunca foi ídolo.

Mas a que mais nos deu satisfação foi: "Che Guevara não morreu", porque chamou a atenção e todo mundo queria ver o jornal. O que é isso? É mentira? Era a história de que ele fisicamente poderia ter morrido, mas o

espírito dele continuava. E a famosa história do Zappata que eu contei na ocasião e que o Galeno usou e depois a Rosyska usou, enfim... Eles brigaram um pouco pela autoria. Que quando Zappata morreu o pessoal dizia que via o Zappata no cavalo dele galopando pelas fazendas. A nossa idéia era essa. Para você ter noção, nós todos éramos devotos do Guevara e isso não dava certo no Brasil de 1967.

Como o jornal mostrava a ambiência cultural e política da época, nesse período pré AI-5?

Era isso. Dando notícia de peça censurada e prestigiando as pessoas que estavam, de certa maneira, perseguidas pela ditadura. Porque depois de 1968 não era censura, era perigo. Não é à toa que o Chico foi embora, que o Caetano foi embora. Mas nesse período exatamente em que O Sol existiu, era um período em que a censura estava prejudicando os negócios. Eles tentavam mais destruir financeiramente, daí o medo correto do Jornal dos Sports. Tentavam destruir financeiramente as empresas, os compositores. Se você proíbe 10 músicas do cara, ele não pode fazer o show dele. Não era ainda a repressão violenta. Não estavam prendendo os compositores, estavam só proibindo que eles produzissem. Nessa entressafra O Sol noticiava muito isso. E como cobriam nossos deputados estaduais que eram resistentes, o Ciro Kurtz, o Fabiano Vilanova, o Alberto Rajan. Eles telefonavam para o jornal, davam notícia e então nós cobríamos toda essa parte. Eram pessoas interessadas na cultura. É preciso ver que naquele momento - basta você ver a passeata dos cem mil - a cultura e a política estavam ligadas porque as duas grandes forças que lutaram contra a ditadura foram os estudantes e a classe artística e intelectual. Você olha na passeata, se você ver as fotos do Evandro Teixeira, por exemplo, você vê a meninada. Vê claramente que é estudante e você vê Paulo Autran, Grande Otelo, Gil e jornalistas com suas faixas. Tem uma história engraçada. Quando a gente estava organizando, digo a gente porque todo mundo participou. A passeata tinha reuniões setoriais, porque a passeata foi um assombro porque ninguém tinha idéia da dimensão. Os jornalistas discutiam vamos sair, os artistas de teatro discutiam vamos sair, os escritores discutiam mas ninguém sabia que toda essa gente ia sair. Quando começou a juntar gente todo mundo se assombrou com a quantidade de gente que

foi à rua. Mas quando nós estávamos discutindo essa participação dos jornalistas, surgiu um problema: jornalista vai como jornalista ou como passeante. Vai fazer a passeata? Não, nós tínhamos que ir como militantes, nós que estávamos ali como militantes. Sem esquecer que éramos jornalistas, quem tivesse como missão do jornal cobrir, cobriria mas tinha que ir no meio para engrossar. Aí surgiram duas coisas curiosas, primeiro foi: "E se houver repressão?". A gente achava que ia ter repressão, que ia ter morte, inclusive. Então se disse assim: "Se cair alguém ao seu lado o que é que você faz? Não deixa, tem que juntar gente para não deixar eles sumirem com o cadáver". "Leva o cadáver para onde? Leva para a Câmara dos Vereadores, leva para a ABI". Estava aquela discussão toda de leva o cadáver para cá, para lá, quando Pedro Porfírio disse assim: "Desculpa, mas se for o meu cadáver eu quero que leve para o hospital antes". A gente hoje ri, mas a gente estava discutindo a sério que podia um de nós morrer ali na passeata, mas felizmente tinha esse espírito. Quem é que sabia se estava morto mesmo, não é? Tinha que levar para o hospital. Com isso eu não vi a passeata, não participei da passeata, sequer vi ou ouvi rumor porque tinha que ficar gente em telefones. Tinham duas pessoas no sindicato, duas pessoas na ABI, dez pessoas na Câmara dos Vereadores com o telefone ligado, não tinha celular naquele tempo, as pessoas tinham que correr para um telefone para avisar um desses telefones. Eu fui uma das pessoas que ficou na ABI, à beira de um telefone. Mas quando eu ouvi aquele ruído disse para pessoa que estava comigo: "Me desculpa, fica aí que eu vou". A gente corria até o terraço dava uma olhadinha e voltava para o telefone, era uma coisa muito organizada. E outra coisa dos jornalistas interessante foi o seguinte: O Gabeira sugeriu que fôssemos com pedras, que as moças que usam bolsas colocassem as pedras nas bolsas porque se a polícia chegasse perto a gente teria que atirar, e os homens colocariam no bolso. Aí Callado, que estava nessa reunião - nesse tempo eu conhecia pouco ele, não tinha nenhum relacionamento - ele disse assim: Ô Gabeira, espera aí! Eu estou cheio de cabelo branco". Ele teve cabelo branco muito cedo. "Estou cheio de cabelo branco, eu não sou magrinho como você, eu vou atirar pedra na polícia e ficar plantado de paletó e cabelo branco? E se me pegar? Você me vê atirando pedra na polícia, Gabeira?" Gabeira ficou sem graça: "Não, não estou dizendo todo mundo". Era um

disparate, eu mesma não ia levar pedra na bolsa para atirar na polícia. Ou você tem arma e luta com arma ou sai correndo, negócio de jogar pedra na polícia é típico de estudante.

E onde você estava quando finalmente chega o AI-5?

TV Rio, claro, TV Rio. A gente tinha acabado O Sol, a gente tinha ido para a TV Continental para fazer aqueles programas e Fernando Barbosa Lima me chamou para trabalhar com ele. Trabalhei na empresa dele, de assessoria e coisa e tal e ele fazia um programa maravilhoso na TV Rio e eu era a secretária do programa. Eu organizava, fazia os textos intermediários. Era um programa revista, como se dizia naquele tempo. Newton Carlos falava, Gilda Müller falava, as pessoas falavam suas coisas e tinha noticiário no meio que o Cid Moreira lia. Então, eu escrevia a parte do Cid e a parte de legendas e ficava tomando conta que o Newton Carlos chegasse na hora, que a Gilda Muller chegasse na hora, que as vedetes chegassem na hora. Pré AI-5, a coisa começou a engrossar, aí Reynaldo Jardim fazia um quadro ótimo que se chamava Barrabás. Com aquela barba assim ele se chamava de Barrabás e fazia um poeminha rápido, circunstancial sobre alguma coisa que estava acontecendo. Era sensacional. Escrevia a cada dia. Mas o Barrabás começou a ficar muito contra os militares e o Fernando em pânico com toda a razão. Eu me lembro que um dia eu chamei ele de covarde. Que injustiça... não era covardia, era sobrevivência não é? Fernando em pânico e um dia o Fernando disse: "Ana, desculpe, mas eu já recebi várias ameaças, o Reynaldo não pode mais aparecer". Aí cortou o Reynaldo. O Newton Carlos um dia quase foi sequestrado, deve ter sido 11 de dezembro, por aí. Ele disse assim: "Ana, eu vou descer, viu?" "Vai descer por quê?" "Diz que tem dois rapazes lá embaixo que querem me convidar para ser paraninfo e eu vou descer". Eu disse: "Não vai não". O Cid ouviu e perguntou se ele conhecia os rapazes. Ele disse que não. "Ô Newton, alguém vem a uma TV chamar alguém para ser paraninfo de alguma coisa?" "Ah, você acha que não, é?" Eu disse: "Acho, tenho certeza. Cid desce lá" "Pode deixar, vou comprar cigarro, vou tranquilamente, ninguém vai desconfiar de mim". O Cid foi e voltou. "Ana, são dois carros e quatro rapazes fortes em cada um deles. Newton, você vai ter que se mandar". Eu acho que foi o electricista que sabia que se subisse num andar ia para o

terraço do vizinho. Eu sei que todo mundo que tinha lá força alçou o Newton e ele foi, outro foi para a outra casa e segurou o Newton, que foi pelos telhados e fugiu da TV Rio. A coisa estava muito terrível. De tarde, no dia 13, a gente ouviu, Fernando me ligou e disse: "Acabou". A gente ali ao lado do Forte Copacabana. "Acabou, não aparece aqui, ninguém aparece aqui. O programa acabou, tudo acabou". Bom, 13 de dezembro, a minha impressão é que tudo acabou. O chamado Apocalipse Now.

A partir desse apocalipse, você mesmo ponderou se era covardia ou era cautela, as atitudes que você poderia tomar numa emissora ou no jornal. A partir do AI-5, como você avalia as estratégias de sobrevivência, de embate ou não com a ditadura, dos veículos?

A grande maioria dos jornais apoiou o golpe militar, claro. A classe dominante apoiou o golpe, mas eles começaram a ter prejuízo. A partir do AI-5, total, porque tudo era proibido. Esses atos heróicos que contam, houve um ou outro. Uma coisa inventiva muito boa do Dines, do grupo dele, não sei quem foi, mas evidentemente ele aprovou, então é dele o mérito. Aquela coisa de tempo tempestuoso, não sei o quê. Isso era muito bom, mas era muito sutil para a população. Os jornalistas sabiam o que estava acontecendo, mas a população não sabia. As palavras começaram a ser proibidas. Alguns jornais mais conscientes da sua importância, como naquele tempo, o Jornal do Brasil, como O Estado de São Paulo. O Estado de São Paulo foi a favor do golpe, inteiramente, mas quando começou a ser censurado, os Mesquita disseram: "O que é isso? Nós somos os Mesquita, nós somos o *crème de la crème* de São Paulo, nós mandamos nesse estado, como vão censurar a gente?". Então começaram a reagir, botar Camões, receita de bolo e etc. Eu acho que não podia fechar o jornal simplesmente. "Ah, estamos sendo censurados, vamos fechar". Mas a reação variou de empresa para empresa. No caso do Correio da Manhã foi muito triste porque foi muito atingido nas suas finanças e foi arrendado. Mas quando o pessoal que arrendou quis devolver à Niomar, ela não aceitou. Niomar tinha sido presa, tinha sido muito corajosa na cadeia, ela era uma mulher internacionalmente conhecida, uma mulher em quem ninguém mandava. Tudo bem, eu não tiro nenhum mérito da Niomar e da valentia dela, mas ela não quis o jornal de volta, ela deixou o jornal morrer, entendeu? E isso,

por exemplo, a mim me dói muito, esse fim melancólico do Correio. Se a Niomar vendesse um daqueles quadros que depois incendiaram no apartamento dela, ela teria salvo o Correio financeiramente. Ela tinha muito dinheiro. Ela tinha em casa Modigliani verdadeiro. Ela tinha Chagall mesmo, de verdade, no apartamento dela. Queimou tudo quando ela estava em Paris. Um daqueles quadros daria para salvar o Correio. Ao mesmo tempo, não era a vida dela, ela não era dona de jornal, ela herdou o jornal, o dono do jornal era o Paulo (Bittencourt), a gente não pode julgar. Agora... me dói, só isso, me dói no coração o fim do Correio.

Como você avalia a experiência da imprensa alternativa durante a ditadura?

Importante, muito importante, embora, é o tal negócio... somos poucos. Quem lê jornal é muito pouca gente no Brasil, quem lê no Brasil é muito pouco. E, com a ditadura, menos gente. O sujeito dizia: "Ah, é censurado o jornal, então não vou ler não". Desanimava mais ainda. Eu acho que de qualquer maneira, por exemplo, para a classe estudantil era importante haver jornais como Movimento, Opinião. Eram jornais que tiveram sua importância dando coisas, principalmente o Opinião. O Fernando Gasparian teve uma estratégia ótima. Os jornais eram geralmente de jornalistas que se reuniam e tal. O Opinião foi de um empresário. Só no Brasil existe essas coisas. O Gasparian, que a gente tem que sempre louvar, ele fez esse jornal e teve uma idéia genial. Fez esse jornal ter um convênio com o Guardian de Londres e com o Le Monde. Então, saía estampado e isso espantava um pouco os militares porque eles prezavam muito a imagem externa do Brasil. Mesmo assim o Opinião foi não só censurado e apreendido, como foi processado. Houve um processo contra o Opinião. E foi esmagado no final. Foi importante, mas hoje, refletindo de maneira pessimista, será que era importante só para nós mesmos? Nós, que já sabíamos de tudo aquilo, para nossa satisfação pessoal? Para a população em geral adiantou de alguma coisa?

Você falou do fim do Correio. E a decadência do Jornal do Brasil, quando ela começa e o que a determinou?

A decadência do Jornal do Brasil começou quando não tinha ninguém que amasse jornal no topo da hierarquia do jornal. A Condessa amava o jornal porque o pai dela tinha sido jornalista e depois que a Condessa morreu, o desinteresse pelo jornal... e a família, não sei se a família Nascimento Brito vai ouvir isso e vai ficar com ódio de mim, mas foi uma família que só quis o lucro do jornal. Jornal não é para dar dinheiro para família nenhuma. Jornal é para informar a população. Pode dar dinheiro, se é uma empresa, tem que dar lucro, não sou nada contra o jornal dar dinheiro. Tomara que O Globo vá muito bem. Eu adoraria que o Jornal do Brasil ainda estivesse muito bem para contratar bons jornalistas, fazer um bom jornalismo. Mas não pode ter como único e principal objetivo o lucro. Por exemplo, tem uma história que me contaram na ocasião, que o jornal ia ser gerido pelo Citybank. O Citybank ia assumir todas as dívidas do Jornal do Brasil, como se fossem dívidas com ele, mas ia botar um gerente deles lá. Única condição que eles impuseram. O Josa, filho do Nascimento Brito, que negociou, estava disposto a isso, mas o resto da família não deixou. Qual era a condição do Citybank? Que a família tivesse retiradas controladas, só podiam tirar até tanto. Não quiseram fazer o negócio. Ia salvar o jornal. Então foi isso, não foi a qualidade do jornal, não foi nada, foi isso que determinou a decadência. Aí passa para mão de pessoas que também não são jornalistas. Eu tinha horror do Roberto Marinho pela coisa política dele, pelo fato dele ser amigo de todos os presidentes, estar sempre amigo, principalmente, dos ministros da Fazenda. Meu marido dizia muito isso: tem jornal que faz até oposição ao presidente, mas ao ministro da Fazenda nunca fazem. Mas um dia eu ouvi uma coisa do Roberto Marinho e fiquei fascinada, fascinada. Estava numa festa, era uma festa de aniversário, eu acho que do Walter Clark, que estava casado nesse tempo com a Maria do Rosário, amiga da gente, e nós fomos ao aniversário. Estava lá o Roberto Marinho. Ele estava num grupo e eu me lembro que um amigo meu disse: "Ana Arruda, você estava olhado fascinada para o Roberto Marinho". Eu estava fascinada porque ele estava dizendo o seguinte: havia qualquer boato de que a televisão estava em perigo e os militares, ainda da ditadura, não estavam gostando de alguma coisa da TV Globo. Ai alguém perguntou, acho que foi o próprio ministro Nascimento Silva, mas "Dr. Roberto", ou Roberto, sei lá como chamava ele, "você acha que pode perder a

televisão?”. Ele disse: “acho difícil, mas acho que posso, o que não vai me matar nem me levar a depressão nenhuma não, agora se eu perder meu jornal, eu morro”. Esse é que pode ser dono de jornal, entende? Quando ele tinha 20 anos ele chegava na redação às seis horas da manhã para trabalhar. Por mais que você não goste de alguns aspectos dele, dono de jornal tem que ser assim, amar o jornal. E não aconteceu isso, infelizmente, depois que a Condessa morreu, com o Jornal do Brasil.

Em um projeto de memória como esse, a gente não pode deixar de falar também daquelas pessoas que já se foram e que foram importantíssimas, como é o caso do Antônio Callado. Nós queríamos que você falasse um pouco da trajetória dele na imprensa.

Quando eu o conheci, ele já estava largando jornal. Só estivemos juntos quando ele era editorialista no Jornal do Brasil e eu fazia o caderno infantil. Foi breve tempo. Mas eu creio que Callado fez uma coisa extraordinária, que foi a grande reportagem com alma. A reportagem que tinha texto bonito, mas que não era nariz de cera, não era literatice. O texto elegante, mas a reportagem absolutamente informativa. Eu me lembro, para você ter idéia, quando Zuenir fez aquela série sobre Xapuri, muito bonita, eu fui dar os parabéns a ele. Encontrei e disse: “Zuenir, que beleza aquela sua série”. Ele disse: “Ana, eu só pensava nas séries de Callado, eu queria fazer algo parecido”. Entende? Por exemplo, a reportagem dele do Vietnã, e muito antes, o primeiro livro de Callado realmente é uma reportagem, é *O Esqueleto da Lagoa Verde*. Ele foi ao Xingu, pela primeira vez, a convite do (Assis) Chateaubriand, para quem ele não trabalhava. Que homem o Chateaubriand! Que figura! Chateaubriand tinha qualidades absolutamente fantásticas e defeitos terríveis. Chateaubriand o convidou porque achava ele um grande jornalista. Ele era do Correio da Manhã e nunca tinha trabalhado nos Diários Associados, nem Chateaubriand estava convidando ele não. Chamou para acompanhar uma expedição para a achada dos ossos do (Coronel Percy Harrison) Fawcett. Ele conta essa expedição e é curioso, porque foi uma reportagem, saiu em livro: *O Esqueleto na Lagoa Verde*. Os ossos não eram do Fawcett. Orlando Vilas-boas ficou até aborrecido. Até muito depois, me lembro um dia eu conversando com o Orlando ele disse: “É mania de Callado, tenho certeza de que era o Fawcett, Callado foi

acreditar naquele filho dele, aquele inglês idiota". Só que o museu britânico mediu os ossos e não eram do Fawcett, mas Orlando queria que fossem. Enfim, o primeiro livro dele, foi esse livro de reportagem, embora ele sempre dissesse, e era a alma dele, que ele queria escrever romances e peças de teatro, queria muito teatro. E o trabalho dele de jornalista começou muito garoto quando ele entrou no Correio da Manhã com 20 anos – aliás, mesma idade em que eu entrei em jornal - para ter um emprego. Perdeu o pai muito cedo e coisa e tal. Então, ele sempre diz que usou os jornais porque precisava pagar as contas, ter um emprego e para conhecer as coisas, conhecer o mundo. Callado conheceu muito bem o Brasil fazendo essas reportagens. As reportagens dele memoráveis, como *Tempo de Arraes*, que também virou livro, o Vietnã, e essa do Xingu. As ligas camponesas. Ninguém no Brasil sabia daquilo, estava o (Francisco) Julião trabalhando há anos no interior do Nordeste, uma coisa que nunca tinha havido que era a consciência coletivista no campo e foram as reportagens de Callado que deram visibilidade às ligas camponesas. Só se fala hoje em ligas camponesas, porque houve a reportagem de Callado. Aliás, muito engraçado, ele foi processado como subversivo porque estava incentivando a revolução no campo. Ele não estava influenciando nada, estava contando o que Julião estava fazendo. Se alguém era subversivo era Julião, infelizmente, que fez um trabalho belíssimo. Não é que ele não tivesse alma de jornalista, ele tinha, mas eu diria que o romancista estava na frente. Tanto que no jornal onde ele foi realmente importante, quando ele dirigia o Correio da Manhã, todo mundo que trabalhou com ele. Bom senso, discriminação, saber tratar os outros. O episódio dele com o Márcio Moreira Alves é fantástico. O Márcio vai para Alagoas, Callado era o chefe de redação, leva um tiro na perna e fica escrevendo a reportagem dele com a bala na perna e depois no hospital. No momento em que Callado sabe, ele pega um avião e vai para Maceió. Quando chega lá, o Márcio perguntou porque ele não mandou outra pessoa e ele disse: o comandante do navio quando um marinheiro dá baixa é ele que tem que ir. Ele foi imediatamente substituir o Márcio. Ele tinha essas coisas e isso o pessoal apreciava. E depois ele podia fazer qualquer coisa ali dentro, podia ensinar a qualquer pessoa como fazia o seu ofício, isso num chefe é fundamental. Porque eu acho que tem chefe hoje em redação que nunca foi para rua fazer uma

matéria. É a minha impressão, não sei se estou falando mal dos atuais jornalistas.

Como Callado decidiu ir para o Vietnã em 1968?

Essa história eu adoro. Ele estava no Jornal do Brasil, editorialista, e aí na reunião de editoriais, ele disse assim: "Ô Brito", ele tinham muita intimidade, lá o grupo era todo amigo: "Ô Brito, o Jornal do Brasil é metido a independente, mas o noticiário do Vietnã que vocês fazem é absolutamente igual a todo noticiário de todos os jornais brasileiros. É todo vindo das fontes americanas. Tudo é notícia de Saigon, notícia filtrada pelo exército americano... Isso é jornalismo? Tem que mandar alguém para o Vietnã do Norte pra ver o outro lado da história". O Nascimento Brito olhou para ele e disse: "Por que você não vai? É só arrumar a viagem, o jornal paga". Então ele começou a batalha, foi um ano para conseguir o visto. Os vietnamitas estavam numa guerra terrível contra o país mais poderoso e mais armado do mundo e cheio de gente querendo se infiltrar lá. Eles passaram um ano investigando Callado, investigando o Jornal do Brasil. Primeiro com o Jornal do Brasil eles ficaram horrorizados, recusaram. Callado tentou dizer que era uma tentativa do jornal de mandar alguém que não estava comprometido. Mais meses, mais entrevistas, ele teve umas dez entrevistas lá na embaixada em Paris, porque aqui não tinha representação. Ele ia e voltava, até que mandaram o telegrama avisando que o visto estava pronto. Mesmo a viagem para chegar lá foi complicada, porque tinha que parar no Laos, tinha que parar em não sei quê, e teve um lugar que ele não tinha visto e que não sabia que tinha que ter visto. Chegou num momento em que ele quase perde a viagem, mas consegue e foi. Essa reportagem foi memorável para ele, ele adorava contar, primeiro que ele adorou o Vietnã. Quando ele chegou em Hanói achou que parecia Belém do Pará, mangueiras na rua, ele achou muito parecido com o Brasil, com a diferença completa da determinação do povo. Que aqui não tem determinação nenhuma. Então ele ficou fascinado com os vietnamitas, por essa determinação, e pôde ver muita coisa. E as coisas curiosas são o seguinte: não deixaram ele ir além do paralelo onde tinha o bombardeio. Diziam: "Não, você pode morrer aqui e depois vão dizer que nós matamos, não vai mesmo". Ele tinha muita liberdade nas ruas, os velhos ainda

falavam francês, os jovens não, só falavam vietnamita ou mandarim. Mas o pessoal mais velho falava francês, então ele se comunicava na rua, conversou muito com as pessoas, mas sem intérprete. E três coisas marcantes que estão na reportagem, mas que também estavam nas conversas dele. A primeira é a seguinte: a questão da alfabetização, os vietnamitas alfabetizaram a população na marra, não tem outra palavra. Pegavam um búfalo e pintavam uma palavra e botavam na beira de uma ponte. Aí um cara ia atravessar a ponte e diziam: "Lê o que está no búfalo". O sujeito dizia: "Não sei. Ah é? Então não vai atravessar a ponte, vai ficar aqui até saber o que está escrito no búfalo". Então você diz assim: "Pô, isso é violento". Mas assim alfabetizaram o país inteiro. Tinha as escolas, mas tinha esses testes no meio do caminho do cara. A segunda coisa é a brutalidade dos bombardeios, que a grande entrevista que ele faz lá, que eu acho o momento mais bonito do livro, em que ele entrevista uma mocinha que já tinha derrubado vinte dois, sei lá quantos aviões americanos, ela era um espécie de campeã em derrubar avião americano. Ele foi conversar com ela e perguntou como tinha sido o primeiro avião. Ela contou que estava lá e começaram a vir os aviões, dois, três e ela não conseguia, ela estava nervosa. Os aviões vinham para destruir uma ponte, mas passaram da ponte e jogaram toda as bombas, uma quantidade brutal de bombas, numa aldeia de antes da ponte. Ela olhou e disse: "A minha aldeia estava pegando fogo, eu não tive dúvidas: o próximo que passou eu derrubei". Ai não parou mais. Esse tipo de coisa empolgou muito o Callado, ele ficava meio horrorizado com a pasmaceira do povo brasileiro. A terceira coisa foi uma coisa muito bonita que foi o seguinte: ele foi visitar prisioneiros americanos, eu já acho incrível, o pessoal fica falando que eles eram malvados, os filmes americanos mostram torturas... Eu confesso que se um avião derrubasse uma tonelada de bomba em cima do meu país, e eu pegasse o piloto, eu não botava numa prisão com três refeições por dia não. Pensa bem, tá lá um monte de pilotos americanos sendo alimentados, e todos inteirinhos. Callado visitou 21 deles, conversou em inglês com eles e trouxe cartas. E foram as primeiras cartas que eles puderam mandar para as famílias. Callado trouxe, levou à embaixada americana e várias famílias escreveram de volta para ele. Ele fez essa ligação dos pilotos presos em Hanói com as famílias americanas. Depois eu li a reportagem e quase ria.

Alguns que voltaram, alguns prisioneiros voltaram para os EUA e diziam que foram muito mal tratados, que ficaram 20 dias sem banho de sol. Eu dizia: "Ai, meu deus, eles não sabem o que é o Doi-Codi". Vinte dias sem banho de sol era a maior maldade que eles tinham sofrido no Vietnã. Não é que eles sejam bonzinhos não, mas é um pessoal com outra mentalidade, com outra alma. Ele, num depoimento que está até no filme, ele diz que Ho-Chi-Min disse que cada vietnamita tem que ser três pessoas ao mesmo tempo: um professor ou aluno, um produtor de alimento e um soldado. É muito bonito, não é? Enfim, é uma gente melhor do que nós, eu acho.

Para terminar, como você vê essa iniciativa de registrar a memória do jornalismo brasileiro?

Eu acho perfeita. Eu apoio todas essas tentativas de não se perder as histórias, de não se perder as pessoas, mas eu faço um advertência: sabe aquela advertência do cigarro? Não fume que isso aí dá câncer. É que a memória é muito traiçoeira, então, tudo que eu disse aqui é o que me lembrei aqui e agora, eu posso estar fantasiando algumas coisas, posso ter exagerado outra coisa, porque a memória vai sendo construída e destruída e reconstruída, então, eu acho que todo depoimento deve ser visto com reservas. Não menti não, mas uma ou outra coisa a gente termina mudando. porque lá dentro da cabeça mudou mesmo.